

A primeira edição de três peças de Raúl Brandão

Edição de

**João Almeida
Pedro Rodrigues
Vera Pimenta**

Coordenação de Ângela Correia



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Lisboa
Outubro de 2007

ÍNDICE

Teatro

O Gebo e a Sombra

Primeiro acto

Segundo acto

Terceiro acto

Quarto acto

O Rei Imaginário

O Doido e a Morte

Nota editorial

A edição diplomática da primeira edição de *Teatro: O Gebo e a Sombra. O Rei Imaginário. O Doido e a Morte*, de Raúl Brandão, foi preparada a partir de um dos três exemplares existentes na BN (L32065 P; BR 5169; L32064 P.) da edição de 1923, publicada pela Renascença Portuguesa. O volume anuncia-se como o primeiro de quatro volumes com a obra dramática de Raúl Brandão. Na verdade, de acordo com o anúncio da casa editora, incluído no primeiro volume [abaixo transcrito](#), havia a intenção de publicar mais três volumes com textos de teatro de Raúl Brandão: *Um Homem de Estado, Eu Sou um Homem de Bem, O Avejão*, no segundo volume; *O Espectro, Mulheres do Diabo, O Anarquista*, no terceiro volume; *Aqui estou*, no quarto volume. Estes três volumes nunca chegaram, no entanto, a ser

publicados. O monólogo *Eu Sou um Homem de Bem* vem a ser publicado, em 1927, na revista *Seara Nova* e *O Avejão: Episódio Dramático* só é publicado, em 1929, em Lisboa, pela Seara Nova.

De forma avulsa, em conjuntos de peças maiores ou menores, a obra dramática de Raúl Brandão tem sido republicada por várias editoras. Eis, por ordem cronológica, a lista das edições que conseguimos localizar:

Brandão, Raúl, *O Gebo e a Sombra*, Lisboa: Teatro de Sempre, 1958

Brandão, Raúl, *Teatro*, estudo introdutório de Luís Francisco Rebello, 1.^a edição, Lisboa: Comunicação, 1986

Brandão, Raúl, *O Avejão; O Gebo e a Sombra*, Porto: Porto Editora, 1991, 1995

Brandão, Raúl, *Teatro*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1991

Brandão, Raúl, *O Gebo e a Sombra; O Avejão*, Mem-Martins: Europa-América, 1991, 2003

Brandão, Raúl, *O Doido e a Morte*, Lisboa: Colibri: 2001

A presente edição visa dar a conhecer em formato electrónico a primeira edição das três primeiras peças de Raúl Brandão. A publicação deste testemunho fundamental justifica-se considerando as diferenças que encontrámos entre a primeira edição e as subsequentes reedições. Eis alguns exemplos:

Primeira edição: “Sofia ao sair espreita preocupada à janela e suspira fundo” (p. 26); “Quem me dera ir também vêr as árvores, sentar-me à sua sombra!...” (p. 32)

Edição de 1986: “Sofia ao sair espreita preocupada a janela e suspira fundo” (p. 69); “Quem me dera ir também ver as árvores, sentar-me à sombra!...” (p. 71)

Primeira edição:

“SOFIA

[...]

DOROTEIA, saindo para a cozinha.

Ficas na mesma! Não sei que coração é o teu!

SOFIA

Iludida! sempre iludida!” (pp. 16-17)

“Não, vou antes copiar êstes apontamentos para o Diário.” (p. 24)

Edição de 1991:

“SOFIA

[...] (Doroteia, saindo da cozinha)

Iludida! sempre iludida!” (p. 12)

“Não, vou antes copiar estes documentos para o Diário.” (p. 18)

A edição de um texto dramático em língua portuguesa encontra também justificação no facto de o número de edições em formato electrónico de textos deste género em português ser ainda muito reduzido, bem como no de não abundarem as edições no mesmo formato de textos literários portugueses do século XX.

Influenciou ainda a nossa escolha das três peças de Raúl Brandão a marca original e irreverente que lhe é reconhecida, no contexto teatral da época, dominado pelo drama histórico, o drama regional e a comédia de costumes¹.

A transcrição do livro foi feita a partir do exemplar da Biblioteca Nacional com a cota L 32064 P, tendo a transcrição sido posteriormente revista várias vezes por pessoas diferentes das que transcreveram. A transcrição foi orientada pelo objectivo de mater o texto exactamente como ele se encontra na edição de 1923. Mantivemos, pois, a ortografia, bem como todas as gralhas. Conservámos igualmente a formatação, cujo significado se pode revestir de especial importância num texto de teatro. Mantivemos a relação de tamanhos nos títulos, bem como o recurso a maiúsculas em articulação com minúsculas e versaletes, conjugações que indicam

¹ Luíz Francisco Rebello, *Breve História do Teatro Português*, Mem Martins: Europa-América, 2000, pp. 130-136.

unidades estruturais diferentes. Mantivemos o itálico em todos os lugares onde o encontramos na edição de 1923. Mantivemos a formatação dos títulos, procurando, no que respeita aos tamanhos, reproduzir a importância relativa que lhes é atribuída na edição de 1923. Reproduzimos os espaçamentos entre as diversas unidades estruturais e mantivemos as páginas em branco que encontramos na edição em papel.

Não reproduzimos a capa da edição de 1923. Não assinalámos as mudanças de linha nem de página na edição em papel, nem estas coincidem com as mudanças de linha e página na presente edição. Dispensámos os títulos correntes. Transcrevemos o índice presente na página 165 da edição de 1923, por conter eventualmente informação útil para quem pretenda saber o espaço ocupado por cada peça na edição em papel e também porque quisemos manter todas as informações textuais presentes na edição de 1923. Elaborámos um índice mais completo para a

presente edição, que incluímos no início e cujas hiperligações poderão facilitar a deslocação entre unidades do livro. A cor azul indica a existência de uma hiperligação entre o índice e o corpo do livrónico.

EMP. INDUST. GRÁFICA
DO PORTO, L.DA – Rua dos
Mártires da Liberdade, 178

O GEBO E A SOMBRA
O REI IMAGINÁRIO
O DOIDO E A MORTE

Reservados todos os direitos de reprodução nos países que aderiram à Convenção de Berne; Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911; Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

Um teatro popular e humano...

RACHILDE

À MEMÓRIA DE MEU PAI E DE MINHA MÃE

TEATRO DE RAÚL BRANDÃO

1.º volume O GEBO E A SOMBRA
 O REI IMAGINÁRIO
 O DOIDO E A MORTE

EM PREPARAÇÃO:

2.º volume UM HOMEM DE ESTADO
 EU SOU UM HOMEM DE BEM
 O AVEJÃO

3.º volume O ESPECTRO
 MULHERES DO DIABO
 O ANARQUISTA

4.º volume AQUI ESTOU!

RAÚL BRANDÃO

TEATRO

O GEBO E A SOMBRA
O REI IMAGINÁRIO
O DOIDO E A MORTE

PRIMEIRO VOLUME

EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO – 1923

O GEBO E A SOMBRA

PEÇA EM 4 ACTOS

PERSONAGENS:

O GEBO, cobrador da Companhia Auxiliar.

DOROTEIA, mulher do Gebo.

JOÃO, filho do Gebo e de Doroteia.

SOFIA, mulher de João.

CHAMIÇO, músico de feira.

CANDIDINHA.

Um polícia e vizinhos.

O GEBO E A SOMBRA

PRIMEIRO ACTO

Casa pobre com janelas e duas portas ao fundo, uma para a rua e outra para a cozinha. Mesa com livros de escrituração comercial. Inverno. Cinco horas. Anoitece.

SOFIA e DOROTEIA

SOFIA, espreitando à janela.

Não tarda por aí... Já se começam a acender os lampiões da estrada. Pobre vélho, há de vir cheio de frio. Todo o dia à chuva, toda a vida ao tempo... (*Espreita outra vez.*) Não se vê nada para a rua. O café está quente. (*Olha em roda.*) Deixa-me dar mais luz ao candieiro... Ah! a manta velha e os sapatos, senão põe-se aí a ralhar por causa dos sapatos... Há

quantos anos faço todos os dias as mesmas coisas!
(*Baixinho.*) Há quantos anos! (*Para Doroteia que entra.*) O pai hoje demora-se, estará doente?

DOROTEIA

Àgora está! Pôs-se para aí a falar com os vizinhos... Tens tudo arranjado?

SOFIA

Tudo.

DOROTEIA

Logo que êle chegue chama-me, ouviste? Hoje traz notícias.

SOFIA

Notícias de quem?

DOROTEIA

Do João, do teu homem, do meu filho. Ficas na mesma! (*Vai a sair.*) A manta velha e os sapatos, não te esqueças...

SOFIA

Já ali estão.

DOROTEIA

Bem.

SOFIA

Tudo está nos seus lugares. Os livros... Nos livros não quiere êle que lhe mexão. (*Aproxima-se da janela.*) Tão escuro já!

DOROTEIA, *saindo para a cozinha.*

Ficas na mesma! Não sei que coração é o teu!

SOFIA

Iludida! sempre iludida! Dissessem-te a verdade a vêr se choravas tantas lágrimas como eu tenho chorado baixinho, com o cobertôr pela cabeça, para que não me ouçam chorar. Nem chorar podemos eu e o vêlho para que vivas iludida. Ainda êle anda, trabalha, esquece, mas eu fico aqui horas e horas a scismar... (*Apura o ouvido.*) É a sua voz, são os seus passos. Tosse. Fala com alguém. (*Olha em roda para*

se certificar de que tudo está nos seus lugares, depois sorri e chama.) Mãe, êle aí vem.

DOROTEIA, *dentro.*

Aí vou, aí vou.

SOFIA

O que êle fala! Com quem virá a falar? (*Para Doroteia.*) Aí vem o pai. (*Batem.*)

DOROTEIA, ouvindo bater.

Aí vou homem, aí vou. (*Abrindo a porta.*) Escusavas de bater.

SOFIA, DOROTEIA, GEBO e CHAMIÇO

Gebo traz uma mala de mão e um rôlo de papeis debaixo do braço. Chamiço, que fica à porta, cumprimenta cerimoniosamente com o chapéu de palha.

GEBO

Eu não adivinho mulher. Então não entra, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO, *da porta.*

Hoje não, vizinho. Minhas senhoras...

GEBO

Então boa noite e até àmanhã. Apareça cedo para o cavaco.

CHAMIÇO

Tenho agora a orquestra que me dá um trabalhão. Só o bombo! O amigo não sabe o que o bombo me rala... já não há arte! Boa noite. (*Sai.*)

GEBO, *para fora.*

Está de rachar pedras hein?

CHAMIÇO, *fora.*

De morrer.

GEBO, *fecha a porta e beija as mulheres.*

Venho com um frio!...

DOROTEIA

Já sei, já sei, entendo-te à légua...

SOFIA

Está ao lume para se conservar quentinho.

GEBO

Não que êste ano sempre tem feito um frio! Só me lembro dum ano assim há de haver... Ora espera... há de haver...

SOFIA

Tire as botas, aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E então, viste-o?

GEBO, *sem se recordar.*

Anh! Vi-o?... Vi-o quem?

DOROTEIA

Sim, viste o correspondente do nosso filho? Falaste-lhe? Tu não disseste que trazias hoje notícias do nosso filho?

GEBO, *recordando-se e mentindo atrapalhadamente.*

Vi sim, vi! Tu também vens sempre com essas coisas de repente! Nem dás tempo à gente de pensar. Pois está claro que vi. Manda-te muitas saudades.

SOFIA

Aqui tem os chinelos.

DOROTEIA

E está bom?

GEBO

Está ótimo.

DOROTEIA

Tu de antes ainda conversavas, falavas até demais. Agora custa a arrancar-te as palavras da boca. Vou vê se o café está pronto e quero que me contes tudo por miúdo. (*Sai.*)

SOFIA

Pai, não se aflija.

GEBO

Eu é que tenho a culpa, mas sou um esquecido...
E devia lembrar-me, coitada... Se ela soubesse! se ela
pudesse imaginar sequer!...

SOFIA

Teve notícias?

GEBO

Peor que notícias. (*Mais baixo.*) Pareceu-me vê-
lo... Isto não o sabe ela.

SOFIA

O João!

GEBO

Vi uma sombra na noite.

SOFIA

Se o vem a saber!

GEBO

Basta à pobre da velha o que tem sofrido. Mente, Gebo, engana-a, mente hoje, amanhã, sempre, passa a vida a mentir, mas que o não suspeite nunca. Nunca! Deixá-la viver os seus últimos dias feliz. Enganada, mas feliz... (*Acaricia-a.*) Tudo deixamos, quando fugimos para longe, mudando de terra para que não soubesse... (*Ouvindo passos.*) Schiu! schiu!... (*Tosse, arranja os livros.*)

SOFIA

E sempre a dizer-lhe... sempre...

GEBO

Diz, diz... Sempre a mentir-lhe... E se tu soubesses o que me custa!... Isto filha, é peor do que inventar um folhetim todas as noites. Já não sei o que hei de dizer. Ora agüenta velho, agüenta... Que o não saiba nunca.

SOFIA

E o outro, viu-o?... Se êle vem por aí...

GEBO

Aqui?... Não vem. Se... Nem seria êle. Alguma sombra que desapareceu e mais nada...

SOFIA

Há oito anos...

GEBO

Um desgraçado... Filha, esquece-o. Uma vida monstruosa. Outra vida...

SOFIA

Outra vida?...

GEBO

Sim, uma vida de desgraça...

SOFIA

Diga...

GEBO, *abana a cabeça.*

Não vem, sossega. Já o vi outra vez...

SOFIA

E falou-lhe?

GEBO

Um dia, há muitos anos, numa rua longe – era à noite – senti que me puchavam para o escuro...

SOFIA

Era êle?

GEBO, olha para dentro e fala mais baixo.

Não me falou. Só lhe vi os olhos. Mas não sei porque, conheci-o logo. Talvez pelo contacto das mãos. Tinha as mãos geladas... Conheci-o logo e dei-lhe o dinheiro que levava. Não dissemos nada um ao outro. Mas eu compreendi-o melhor do que se falasse... Muitos anos desapareceu. Últimamente é que me sinto seguido e rodeado por uma sombra que nunca se aproxima de mim.

SOFIA

Uma sombra?...

GEBO

Nem será êle... Se fôsse êle! Se ela sabe que o filho que criou!...

SOFIA

Conte-me tudo...

GEBO, *apontando para dentro.*

Temos tempo de conversar. (*Suspira, põe os óculos e começa a escrever nos livros*). Não, vou antes copiar êstes apontamentos para o Diário. Grande casa esta de exportação, Ramires & Ramires! Ora vejam os senhores êste balanço de agosto do corrente, dez contos setecentos e cincoenta mil reis. Já é bonito hein? Ou isto, ou ser cobrador com vinte mil reis mensais e fazer escritas à noite para não morrer à fome. Acabou-se... ora agora... agora... Ah... (*Pausa.*) Tu que dizes?

SOFIA

Nada, scismo. Scismo na desgraça. Scismo no que será a outra vida que êle leva...

GEBO

Não penses nisso...

SOFIA

Talvez seja mal, mas queria compreender o que é essa vida horrível e porque é que êle, sabendo que faz mal...

GEBO

Filha!

SOFIA

Porque é que o mal o atrai e porque é que a sua miséria me atrai também? Para que vive uma vida de desgraça, de dôr e de fome?... Há muitas coisas que eu queria saber e discutir e não me atrevo.

GEBO

É melhor assim.

SOFIA

E ela há de vir a sabê-lo...

GEBO

Coitada da velha, se anda para aí iludida para um dia saber tudo e sufocar de lágrimas! Quantas desilusões tem tido pela vida fora! Primeiro a nossa casa hipotecada e vendida naquêle ano em que estive desempregado, 1893 – data negra. Depois a desgraça do filho... E sempre poupada, tirando-o à bôca para que o tivéssemos. Tu dizes?...

SOFIA

Eu scismo.

GEBO

É a desgraça, é a desgraça que não nos larga. *(Fica absorto olhando a luz do candieiro. Os passos da velha lá dentro despertam-no. Sofia de repente apura o ouvido e põe-se a pé num sobressalto. O Gebo escreve.)* Adeante, adeante... zero, zero, cinco... Oito e sete quinze e seis são vinte e um, e vão dois... A luz hoje não está boa, tu arranjaste o candieiro?

GEBO e DOROTEIA e depois SOFIA

DOROTEIA

Arranjei-o eu. Aqui está o café. É dos teus olhos.
(*Para Sofia.*) Conserva o lume esperto.

*Sofia ao sair espreita
preocupada à janela e suspira fundo.*

DOROTEIA

O café está ao lume. Agora vou-me sentar ao pé
de ti para te ouvir falar.

GEBO

Esta noite tenho muito que fazer, mulher.

DOROTEIA

Não te zanges. Depois de vélho, relho. Deixa-me
embrulhar-te os pés. Enquanto tomas o café podes
contar-me tudo. Não te ponhas já a escrever. Então
entraste em casa do correspondente...

GEBO

Entrei...

DOROTEIA

E êle leu-te a carta do nosso filho?

GEBO, *sempre com mau modo.*

Leu.

DOROTEIA

E o que diz?

GEBO

Diz... diz... Manda muitas saudades... o costume... (*Rápido, encontrando a mentira.*) E pergunta como está a mãe.

DOROTEIA

Ah, pergunta? E não o disseste logo! Gosto tanto de te ouvir! É preciso que saibas que eu não tenho outra vida. Criei-o. E depois que o não vejo – há oito anos, contados dia a dia – criei-o outra vez, de dia, de noite, como pude... Gosto tanto de te ouvir! Fala. E depois?

Sofia vem sentar-se ao pé da mesa a trabalhar.

GEBO

Depois?... Mau!... Depois, pusemo-nos a conversar, eu de cá isto, êle de lá aquilo, etc.

DOROTEIA

Etc.? Com que secura me falas! E eu todo o dia à espera de te ouvir. Todos os dias... Há anos que espero... E chegas a casa e calas-te para me fazeres sofrer.

GEBO

Ó mulher, mas que queres tu que te diga? (*Atrapalhado.*) Não sei arranjar estas coisas... Não sei... não posso... Não, não é isto... Nas cartas comerciais não se usa falar de particularidades de família.

DOROTEIA

Dizes-me sempre a mesma coisa, meia dúzia de palavras e sabe Deus com que custo!... E nem te importa o que eu nestes oito anos tenho usado de sôinho, e que na minha vida não haja uma única alegria. Vivemos nêste frio da pobreza que mais se entranha à medida que os anos passam...

GEBO

Mas eu não tenho que dizer...

DOROTEIA

O que é sei eu! o que é sei eu!... (*Fita demoradamente Sofia.*) Nem tu próprio talvez o saibas... E não reparas que a teu lado me fui transformando noutra sêr de dôr e de desespêro... De desespêro também. Outra figura se criou sem tu dares por ela e quase sem eu dar por ela, no abandôno e no silêncio. Outro sêr... Outro sêr que já não pode mais. Fala! Fala! porque estou há anos à espera de que digas o que eu quero saber!...

GEBO, *aterrado.*

Oh mulher saber o que? Que queres tu saber?

DOROTEIA

Sempre a desgraça, sempre a desgraça!... E eu à espera...

GEBO

Deixa-me... Logo... Vai buscar mais café...

SOFIA

Eu vou. (*Sai*).

DOROTEIA

Preciso de te ouvir senão morro!

GEBO

Aí tornas outra vez! Tenho de dar a escrita pronta, já to disse.

DOROTEIA

Ó homem, se eu não soubesse que és meu amigo, duvidava de ti. Pois tu sabes que só tenho esta alegria e tiras-ma!

GEBO

Não me apoquentes. Logo, logo, está dito...

DOROTEIA

Em te pilhando com os livros acabou-se! Agora não falas, logo vais para a cama e dormes. E quanto mais aflições, mais sono tens. Só eu não posso dormir. Scismo. A ti e a ela pouco se vos dá, mas eu, o que eu tenho chorado!

GEBO, *apontando para dentro.*

Coitada! Também é preciso poupá-la, tem sido infeliz.

DOROTEIA

Como eu.

GEBO

É sua mulher e nunca mais o tornou a vêr. Lembra-te do que terá sofrido calada, sem se queixar. Já a ouviste queixar-se?

DOROTEIA

E eu? o que eu tenho sofrido! Há oito anos! Já lá vão oito anos! Não te importas, mas eu tenho recozido as minhas lágrimas. E quando quero falar dêle, emmudeces. Chegas e pegas-te logo à escrita (apontando para dentro) para que nada lhe falte a ela. Parece que ela é que é tua filha.

GEBO

Que não daríamos nós por os vêrmos felizes?

DOROTEIA

Temos-lhes dado tudo.

GEBO

Por esta vida fora, tão dura, tão má, quantas vezes me tenho lembrado de morrer.

DOROTEIA

De...?

GEBO

De morrer, sim. A gente chega a pensar em morrer. E eras tu e ela que me prendiam à vida. Não há tanta gente que vai no verão, por aí fora, para a aldeia? Quem me dera ir também vêr as árvores, sentar-me à sua sombra!... Pois as minhas árvores sois vós.

DOROTEIA

Olha como tu falas!

GEBO

Falo, gosto de falar da nossa filha. Ainda me lembro quando ela veio assim... pequenina, cá para

casa na morte de meu irmão. Cresceu, casamo-los e...
(*mudando de tom*) ó mulher sabes tu que mais? deixa-me trabalhar.

DOROTEIA

Mas do nosso filho não falas, do nosso filho não dizes palavra. Foste sempre mais amigo dela do que dêle. E tudo porque foi para longe, porque não se quis sujeitar a esta vida que levamos, porque é ambicioso. Sai a mim que o criei.

GEBO

Isso tem seus quês...

DOROTEIA

Então achas melhor ser como tu que nunca fizeste nada para subir? Riem-se de ti, és um pobre, todos te escarnecem.

GEBO

É o mesmo, mulher, é o mesmo.

DOROTEIA

Os teus amigos enriqueceram, e tu não passas de cobrador duma companhia, sempre com o mesmo ordenado e as mesmas aflições.

GEBO

Deixa-me cá com a minha vida. Sabe Deus o que eu sofro para que vos não falte o pão.

DOROTEIA

Felizmente o meu filho não sai a ti.

GEBO

A ambição não é má, mas tudo se quer nos seus termos. Olha que já tenho visto muita coisa por êsse mundo. Grande nau, grande tormenta. E lá fora na companhia, no comércio toda a gente diz: - O Gebo, que é como eles me chamam...

DOROTEIA

E tu consentes!

GEBO

Que lhes hei de fazer?... O Gebo é honrado.

DOROTEIA

Sempre foste assim! Até me fazes aflição!

GEBO

Paciência, mulher, paciência. Deixa-os lá. Mas quando dizem que sou honrado, isso consola. Cumpri sempre o meu dever.

DOROTEIA

Serviu-te de muito.

GEBO

Serviu...

DOROTEIA

O que tu tens sido é egoísta. Cumpriste o teu dever sem cuidares de que também tinhas deveres para connôco. Não aproveitaste as duas ou três ocasiões que te apareceram na vida para enriquecer – e levaste-nos para a desgraça e para a pobreza.

GEBO

Oh mulher!...

DOROTEIA

Tu é que tens a culpa. Não tens mesmo finura nenhuma. Toda a gente te engana e ainda por cima se riem de ti. Nós temos culpa das tuas tolices, das tuas desgraças?

GEBO

Não mulher, não, bem sei.

DOROTEIA

É o que conseguiste cumprindo o teu dever.

GEBO

Mas tenho feito tudo por vós, tenho arrastado esta cruz! Sou um homem honrado.

DOROTEIA

Olha os outros! Olha os outros! Enriqueceram, são felizes...

GEBO

Deus sabe, Deus sabe!

DOROTEIA

E nós pobres e desgraçados. (*Para Sofia que entra*). Deixaste o lume esperto? É preciso fazer mais café.

GEBO

Que eu hoje trabalho até essa noite velha e o frio está de rachar.

Estão sentados a trabalhar. Silêncio.

DOROTEIA, *suspira*.

O meu filho...

GEBO, *num sobressalto*.

Anh?!

DOROTEIA

Não me sai da ideia. Há dias em que tenho vontade de fugir. Vem-me não sei de onde um impulso de deixar tudo e de ir por êsse mundo, sem destino.

GEBO

... e sete são quatorze... Por aí fora à ventura?... E sete são vinte e um.

SOFIA

Também a mim a vida me parece sempre a mesma coisa. É como a chuva que cai lá fora, pingue que pingue, nos beirais. Sempre êste ruído monótono da chuva...

GEBO

A vida é sempre a mesma coisa.

DOROTEIA

A nossa vida. Usar os trapos, remendar os trapos, tornar a usá-los.

SOFIA

E se nos acontecesse alguma coisa?

DOROTEIA

Que coisa?

GEBO

A felicidade na vida é não acontecer nada.

SOFIA

É o hábito?

GEBO

Talvez seja o hábito. É a gente fazer sempre o mesmo trabalho e dizer sempre as mesmas palavras.

SOFIA

Como a chuva. E não scismar.

DOROTEIA

Não scismar! Eu scismo sempre. Nem na cova deixarei de scismar.

SOFIA

Será a vida só uma? Só uma?

GEBO

Todas as vidas são assim.

DOROTEIA

Mas tão monótona, tão fria que me pesa! Às vezes não sei se estou viva se estou morta. Às vezes nem o sonho que sonho me é possível. Está no fio.

GEBO

Essa agora! Eu cá por mim, quando acabo o trabalho e me sento aqui, com os livros ao lado, a ouvir chover – e como ela cai! – não me sinto infeliz. Pelo contrário: estou quente, tenho-vos ao pé de mim...

DOROTEIA

Tu sim! Tu sim! Nem reparas que há quarenta anos fazemos todos os dias a mesma coisa na humildade e na pobreza, e que o sonho se vai usando, gastando, acabando com a vida...

SOFIA

E não haverá outra vida?

GEBO

Temos cumprido a vida, temos cumprido o nosso dever. Resta saber se a gente vem a êste mundo para ser feliz...

DOROTEIA

Mas se a vida fôsse só isto, sempre as mesmas acções, sempre as mesmas palavras, eu morria, eu não podia viver. (*Sofia põe-se de pé num sobressalto e vai à janela espreitar.*) O que me vale é o que me resta de sonho. Fechada, sòzinha, quanto mais sòzinha melhor, sonho sempre no nosso filho. Não dizes nada?

GEBO

Faço contas.

DOROTEIA

Para ti, o teu filho é menos que um indiferente.

GEBO

Valha-te Deus!

DOROTEIA

É assim mesmo. Já depois de casado era outro para mim. (*Gebo quere interrompê-la.*) Hei de falar,

hei de desabafar!... E não contente ainda, foi ela que fêz com que não gostasses dêle.

GEBO

Como és ingrata, mulher, se soubesses...

DOROTEIA

O quê?

GEBO

Nada.

DOROTEIA

Eu sei! eu sei!... Metemo-la em casa, agasalhamo-la, se não fôssemos nós teria morrido à fome porque ninguém queria saber dela. E em paga tirou-nos a afeição do nosso filho.

SOFIA

Mãe! ó mãe!...

GEBO, *olhando Sofia.*

Pelo amôr de Deus cala-te!

DOROTEIA

É o mesmo. Eu tenho-lhe amôr por vós ambos. E quanto menos tu e ela o amarem mais eu gosto dêle. (*Para Sofia.*) Ah, ouviste? Melhor foi. Vou-me deitar, mas não durmo. Penso nêle, passo as minhas noites a scismar. Não falas?

GEBO

Falo, falo (*Para Sofia acariciando-a.*) Não chores filha, não chores.

DOROTEIA

Deixa-a chorar que eu também tenho chorado muitas lágrimas. O meu filho só me tem a mim! só a mim! (*Encarando com Sofia.*) Ah tu choras? Bom é que chores. (*Sai.*)

GEBO e SOFIA

GEBO, *acariciando-a.*

Ela de antes, enquanto lhe não levaram o filho não era assim. Tirou-o muitas vezes à bôca para que nós o tivéssemos. Foi a vida, foi a desgraça que a

azedaram... Gastou-se a sonhar, gastou-se a sofrer.
(*Reparando em Sofia.*) Tu que tens? tu que tens?

SOFIA

Tenho medo! tenho medo!

GEBO

Também eu! também eu!

SOFIA

Temos aqui vivido há oito anos dominados por uma sombra. Eu já não posso, e tenho medo.

GEBO

É o meu filho, é um desgraçado. Quem sabe!... Talvez a polícia o procure, não tem decerto onde dormir. Ante-ontem pareceu-me vê-lo ali à esquina. E tenho-me lembrado se terá que comer...

SOFIA

Se terá fome!

GEBO

E se ela sabe isto, morre.

SOFIA

Falou-lhe? Então sempre lhe falou?...

GEBO

Desapareceu na noite como uma sombra...

SOFIA

E nós?

GEBO

Nós? Em quem eu penso é nela, com aquela doença de coração. Ela, a quem eu tenho dado tantos desgostos, e que tem vivido de mentira. Às vezes dizia-me: - Manda-lhe beijos, manda-lhe beijos. – e dava-mos coitada. E hei de agora dizer-lhe: - Teu filho é um ladrão. – Antes matá-la, seria melhor matá-la.

SOFIA

Às vezes tenho vontade de lhe contar tudo.

GEBO

Schiu... (*Apurando o ouvido.*) Escuta, escuta...

SOFIA, *escutando.*

Está no quarto... fala sòzinha... lá anda a prègar.

GEBO

Bem, bem. Vai-te deitar. Eu fico com a escrita até lá por essa noite fora. Minha pobrezinha, tão calada e tão triste, e sempre num subterrâneo a tecer. Eu bem te conheço... Exaltada! tão exaltada!... Mas calas tudo, escondes tudo. (*Vai-a levando até à porta.*) Reza por mim ouviste? Por nós todos... e por êle... por êle, não te esqueças. (*Beija-a.*) Boa noite.

SOFIA

Boa noite.

GEBO só e depois JOÃO

GEBO, *medita abanando a cabeça e resmungando. Depois volta para a mesa de trabalho.*

Ora vá, Gebo... Vá, vá. (*Respira profundamente.*)
Agora tenho sossêgo... sossêgo não, que me lembro.

Só quando durmo é que esqueço. A desgraça há de ir usando a gente até um dia... até um dia... *O Diário*, sim o *Diário*... E há gente tão feliz por êsse mundo!... Oito e sete quinze e seis são vinte e um... e vão 2... 715... 90, nove fora nada. (*O relógio dá horas.*) Uma... duas... três... Hein já nove! O tempo passa, o tempo passa... E 6 são 32. Coitadas! coitadas das pobres! E vão 5... vão 5... vão 5... (*Silêncio. Fica absorto um instante. Desperta-o um ruído na fechadura da porta.*) E vão 5... Quem é? (*Escuta.*) Mexem na fechadura!

A porta abre-se. João aparece. O Gebo ergue-se espantado e João entra com a gola levantada e a barba por fazer.

JOÃO, *sereno, fechando a porta.*

Não tenha mêdo. Sou eu... As fechaduras conhecem-me.

GEBO

Tu! (*Fica imóvel, de pé, aterrado. João vem à frente e puxa uma cadeira para ao pé da mesa. O Gebo apontando a porta que dá para o interior da casa.*) Schi... schi... schiu!

JOÃO

Viva pai!

*Olha em roda, respira
largamente e desata a rir-se-lhe na
cara.*

SEGUNDO ACTO

Mesmo cenário

GEBO e DOROTEIA

GEBO

Ouço passos no páteo, deve ser o Chamiço.

DOROTEIA

Há de ser êle, nunca falta ao café. Às vezes vê-se-lhe nos olhos que está a morrer pelo café.

GEBO

Coitado! coitado!

DOROTEIA

Se não lho desse agüava.

GEBO

Passa mal o vèlhote. Só êle e Deus sabem as linhas com que se cose. Às vezes até me faz aflição.

DOROTEIA

Tu ainda tomas o café forte, mas depois p'ra êle deito água no saco. (*Batem*).

GEBO

Aí está o homem. (*Doroteia abre*).

Os mesmos, CHAMIÇO e depois
CANDIDINHA

CHAMIÇO, *à porta*.

Licença para um artista.

DOROTEIA

Faça favôr de entrar.

GEBO

Você já se ia demorando. Ande, sente-se.

CHAMIÇO, *cumprimentando*.

Minha senhora...

GEBO

Pois é verdade *seu* Chamiço... Então que me diz a êste frio?

CHAMIÇO

De rachar e não lhe digo mais nada.

DOROTEIA

Sente-se, sente-se. Eu vou-lhes arranjar o café. A Sofia trá-lo já. (*Sai*).

O Gebo trabalha. O Chamiço senta-se do outro lado da mesa.

GEBO

E os negócios correm, *seu* Chamiço?

CHAMIÇO

Vão indo, vão indo. Podia ser melhor. Mas agora a emprêsa resolveu pôr em scena outra peça, uma mágica...

GEBO

E a emprêsa é forte?

CHAMIÇO

Imagine... entra o Tôrrres.

GEBO

Ah, então!... 7 e 8 – 15 e 6 são 21... O Tôrrres... E tem tido muita gente?

CHAMIÇO

Esta coisa de barraca de feiras está um bocado por baixo. E depois o tempo não ajuda. Chuva e muita falta de dinheiro.

GEBO

Amigo, todos se queixam do mesmo mal. Mas porque não dão vocês espectáculo à noite?

CHAMIÇO

Era um despesão. Só a iluminação... O amigo calcula por quanto fica a iluminação? Olhe que a iluminação é caríssima.

GEBO

Caro, hein?

CHAMIÇO

Só de petróleo 820. Imagine!... O Tôrres, bem vê, não pode.

GEBO

Ah!... 8 e 8 – 16 e vai um. Faz favor de me passar êsse livro... êsse, o *Razão*, êsse que está por baixo. Isso!

CANDIDINHA, *à porta.*

Dão licença?

A Candidita com um vélho penante, um chale e uma bôlsa –

*farrapos dados por êste e aquele.
Mas não é uma figura ridícula.*

GEBO

Isto é uma raridade!

CANDIDINHA

É que as Soisas estão para fora por causa da doença do tio e hoje era o dia das Soisas. (*Para Doroteia que aparece à outra porta*). Adeus filha.

DOROTEIA, *para dentro*.

Sofia traz o café.

CANDIDINHA

Aí tens café?

CHAMIÇO, *esfregando as mãos*.

Aí vem o cafèzinho.

DOROTEIA, *para Candidinha*.

Queres tu uma gôta?

CANDIDINHA

Tomo sim, filha. A mim o café faz-me muito mal à palpação, esta doença que me há de levar à cova. (*Doroteia faz um gesto*). Ai, eu não me iludo. Ainda ontem disse em casa das Teles: - A minha sepultura está aberta... - Olhem que tenho a roupa apartada p'ra não encomodar ninguém. (*Mudando de tom*). É do forte? Que eu café só do forte. E o teu filho sempre chegou?

CHAMIÇO

Como eu.

GEBO

O cafèzinho sempre aquece.

DOROTEIA, *para dentro*.

Sofia, então? (*Sai*).

CHAMIÇO, *galanteador para Candidinha que tira dum bordado e se senta ao pé da mesa*.

Perdoe-me se sou ousado, mas antes de me dedicar à arte, fui da tropa...

CANDIDINHA

Diga, senhor Chamiço.

CHAMIÇO

Quem é o felizão para quem borda esta lembrança?

CANDIDINHA

Ainda não tem dono.

GEBO

... E 7 são 49... Ó Chamiço, você sempre tem coisas!

CHAMIÇO

Não acredito, palavra. Creia que se fôsse no meu tempo essa lembrança era p'ra mim. Não me escapava... Não se ria, conquistava-as todas.

CANDIDINHA

Tinha condão?

CHAMIÇO

Com a flauta. Era mais a mim! mais a mim!

GEBO

Com a flauta!

CHAMIÇO

Sim homem, foi como eu conquistei a minha defunta. (*Imitando a flauta*). Piu... piu... piu. Só com a flauta. Não entendem? Eu chegava, sentava-me à beira dela, puxava do instrumento e desatava piu... piu... piu. Há lá nada que exprima o amôr como a música! Era logo piu... piu... piu. Ela ouvia-me fascinada...

CANDIDINHA

Mas como trocavam expressões de amôr?

CHAMIÇO

Piu... piu... piu... E no fim, acabada a ária, levantava-me e dizia-lhe: - Boas noites Serafina.

CANDIDINHA

Nunca lhe disse mais nada?

CHAMIÇO

Nem foi preciso. Estava pela beíça. Piu... piu...
piu... (*Gebo e Candidinha riem*).

CANDIDINHA

Ouvem? Como ela canta na vidraça? Aí torna
outra vez...

CHAMIÇO

Estava tudo negro para a barra quando entrei.

GEBO

Como rufa!

CANDIDINHA

Esteja eu quente e ria-se a gente. A mim lembra-
me sempre...

CHAMIÇO

O quê, minha senhora?

CANDIDINHA

O dilúvio universal.

Os mesmos, DOROTEIA, SOFIA E JOÃO

SOFIA, entrando com Doroteia e João.

Cá está o café e a ferver por causa do frio.

CANDIDINHA, para Doroteia.

Estás toda contente com o teu filho?

DOROTEIA

Pudera!

JOÃO, para Sofia.

Deita café.

GEBO

Que Inverno! A chícara bem cheia.

CANDIDINHA, para Doroteia.

E trouxe muita soma de dinheiro já se vê?

DOROTEIA

Acho que sim.

CANDIDINHA

Ah!

SOFIA, *para Candidinha.*

Mais uma pinguinha?

CHAMIÇO, *provando o café e queimando-se.*

Bff! está a ferver. (*Deita o café no pires*). Dá licença que tome por baixo?

GEBO

Sofia, deita mais café. Tome... tome...

JOÃO

É isto que vocês fazem às noites? Todas as noites? sempre?...

DOROTEIA

Conversamos, trabalhamos...

CHAMIÇO, *para o Gebo.*

Gosta? É uma marcha lindíssima, piu... piu.

GEBO

Gosto... E 7 são 14.

CHAMIÇO

Oh! a arte, não há nada que chegue à arte! O que eu queria era ter tempo para imaginar cá as minhas coisas à vontade, mas tenho os ensaios, o dia todo ocupado a tocar: *Ora ponha aqui o seu pèzinho...* É revoltante. Mas o público só gosta destas coisas. O gosto preverteu-se, caminhamos para um abismo. Ah, meu amigo, a arte! Quando me ponho a pensar na arte...

JOÃO, *para Sofia.*

Sufoco. Sinto um peso enorme desde que aqui entrei.

CHAMIÇO

... ponho-me a pensar na arte e vem-me uma tristeza.

GEBO

Quem a não tem?

CHAMIÇO

E então desato a tocar sòzinho nem sei o quê... Em frente da minha janela fica o muro do outro prédio, enorme, sem um rasgão. E a olhar o muro compacto e a tocar piu... piu... piu, lá vai o negrume... A arte consola.

JOÃO, *para Sofia.*

As figuras parecem-me deformadas... Outras figuras...

SOFIA

Outras?!...

JOÃO

E a vida mesquinha e inútil...

DOROTEIA

Mais cafèzinho?

GEBO

Tome. E vão 7.

CHAMIÇO

Pois sim, um golo. (*Entusiasmado*). Nasci para a arte, para viver com a minha arte. Sinto que se me deixassem planear, ainda talvez viesse a escrever...

DOROTEIA

O quê, senhor Chamiço?

CHAMIÇO

O quê, minha senhora? Uma marcha! Só lhe digo isto: talvez escrevesse uma marcha.

CANDIDINHA

Upa! (*Para Doroteia*). Tu não tens uns biscoitos, filha? Estou a sentir uma fraqueza. Até me pode vir a palpitação.

DOROTEIA

Vou buscá-los.

CANDIDINHA

Que noite escura! Com êstes crimes que vem nos jornais – hão de ter lido – tenho sempre mêdo quando volto para casa, e mais são dois passos.

JOÃO

Crimes, anh?

CANDIDINHA

Crimes de arripiar.

JOÃO

Crimes toda a gente os pratica.

GEBO

Essa agora!

JOÃO

Ao menos em pensamento... Tudo o que vocês aqui dizem é inútil. Vocês nem sabem o que é a vida. A vida!...

SOFIA

Cala-te!

GEBO

Nem toda a gente pode viver a mesma vida.

CHAMIÇO

Para praticar um crime é preciso não ter alma.

JOÃO

Nem toda a gente se deixa calcar...

DOROTEIA

Ah!

JOÃO

Uns são trapos, outros revoltam-se... Vêm o mundo numa maneira diferente.

CANDIDINHA

Apoiado!

JOÃO

Uns nascem como o pai para beijar a mão que lhes atira uma côdea.

DOROTEIA

Eu bem te tenho dito sempre!

JOÃO

Outros...

SOFIA, *com espanto.*

Outros?...

CHAMIÇO

Foi para êsses que se fez a cadeia.

JOÃO

Mas antes a cadeia! Na cadeia também se come pão. Antes morrer do que viver sepultado.

DOROTEIA

Filho!

JOÃO

Do que isto? Antes morrer. Deixem-me falar... Um crime qualquer o pratica, crimes maiores se fazem todos os dias de mentira e de abjecção. Crimes maiores, e às vezes é um nada que nos impede de matar...

GEBO, fazendo-lhe sinais.

Schiu, schiu!

JOÃO

Tive um amigo que fez uma morte e que esteve na cadeia...

SOFIA

João!...

JOÃO

Mau! Uma noite... Uma noite como esta, estava molhado até aos ossos e tinha fome. Era meia noite

passada... Um homem que esteve na cadeia não pede esmola. Sabe tudo da vida e da morte. Vejo a rua deserta e vejo-me decedido a não me deixar morrer de fome. De fome!... Um momento de angústia e desespero... À roda tudo negro... Não era só o negrume da noite e da parede enorme a que me tinha encostado... Maior, mais espesso o negrume da minha alma. Parecia-me que no mundo não havia nenhum sêr mais desgraçado do que eu...

SOFIA

Ah!...

JOÃO

Maior!... Muito maior!... Mais negro e mais fundo. Cose-me com a parede. Estava só, ou supunha que era só eu nessa noite – eu e o desespero, só eu e o negrume. O primeiro que passasse deitava-lhe as mãos às goelas... Ouvei passos ao fundo da rua deserta e entranhei-me mais no escuro, pronto a dar o salto... O vulto avançou, aproximou-se, e então eu vi, a meu lado, duas mãos enormes que saíam do escuro – duas mãos sem corpo, iluminadas pelo candieiro, e que num instante se contraíram no ar, apertaram, sufocaram... Um baque – e deitei a fugir na noite como um insensato... Não fui eu! não fui eu!...

SOFIA

Que horror! Que horror!

JOÃO

Que horror? E então aquela alma que todos tinham espèzinhado, aquele homem que já tinha sido talvez um homem – e que os outros por igoísmo, por indiferença atiraram talvez para o crime?... Um homem como os outros homens e que tinha fome e que queria viver... Uma alma – foste tu que falaste aí duma alma? (*Aponta para Chamiço*). – Uma coisa que não tem limites de dôr e de sonho... Nem sabes o que é!... A minha alma! Eu não sei o que é a minha alma. Está muito funda! Se me debruço lá para dentro – já pensaram nisto? vocês que vivem aqui a dizer todos os dias as mesmas coisas? – se me debruço, vejo no fundo sombras que me metem mêdo... A alma duma criatura que não pode com a vida, com esta vida que vocês suportam!... (*Para Candidinha*). Que estás tu a olhar para mim, velha cheia de sonhos irrealizados?...

CANDIDINHA

Ai!...

JOÃO

Uma alma que grita e sonha e não pode com o seu mundo de espanto, e que conhece o que é a desgraça e a dôr!... Vocês não sabem que há criminosos que têm uma alma e homens honrados que a não têm? Vocês estão todos sepultados... Até vos digo mais... Se cada um, dos que aqui estamos, fizesse as mortes em que scisma, por ódio, por ambição, por interêsse, o mundo seria uma hecatombe.

CANDIDINHA, *fascinada.*

Sim!

JOÃO

Um crime talvez qualquer de nós o pratique àmanhã.

Marcar o terror duns e o espanto dos outros. O Gebo que primeiro fica sucumbido, Doroteia que se ergue pouco e pouco durante a narrativa, até que o Gebo desata num riso doloroso e baixinho.

GEBO

Pois senhores, tem graça, tem muitíssima graça! Ora aqui está uma coisa que tem graça!

SOFIA, *baixo*.

João, cala-te!

JOÃO

O que vocês quiserem!

GEBO, *com voz sumida para João*.

Se a queres matar! se nos queres matar!

DOROTEIA

Credo! (*Para o Gebo*). Sempre fazes um espalhafato! Até me ficou a doer o coração. Que modos!

CHAMIÇO, *para a Candidinha*.

Êle estaria na?...

CANDIDINHA

Tem cara disso.

DOROTEIA

Mas que é? que foi que não entendi?

GEBO

Nada, uma graça. Acabou-se. Uff... (*Limpando o suor*). Está um calor de rachar.

CANDIDINHA

Um calor com êste frio?

GEBO

Quentote, quentote. Calor não digo. Assim, assim. (*Para o Chamiço*). Então que há de novo, *seu Chamiço*?

CHAMIÇO

Isto de política está cada vez peor. Era preciso um homem de pulso.

CANDIDINHA

Outro marquês de Pombal.

DOROTEIA, para João.

Um biscoito?

JOÃO

Não, obrigado.

GEBO

79 e 9 são 88, e vão... e vão.. Já não sei quantos vão!

CANDIDINHA

Muita falta de dinheiro. E isto (*apontando a maleta que está em cima da mesa*) é dinheiro?

GEBO

Olá! Quási um conto. Setecentos mil reis. Agora no fim do ano a cobrança é grande. (*Movimento de João*).

SOFIA, *querendo deitar café a Chamiço.*

Café é que já não há.

CANDIDINHA, *erguendo a mala.*

E pesa! Não sei que impressão faz a gente ter um conto ao pé de si.

JOÃO

Um conto!

CANDIDINHA

Setecentos! Olhem que já é!

CHAMIÇO

Sente a gente uma coisa esquesita pelas costas acima. Eu não sabia...

João ergue-se e fica a olhar para a mala.

DOROTEIA, *para Sofia.*

Leva as chécaras.

SOFIA, *saíndo.*

Vens, João?

JOÃO, *absorto.*

Anh?

CANDIDINHA

O que aqui está dentro! (*Acaricia a maleta*). Vestidos de sêda, lambarices, coisas boas. Ai, deve ser um regalo ter dinheiro, muito dinheiro! Até parece que dá calor! Ter dinheiro para mandar os outros, para dizer: - faça! rua! vá! Quem me dera ter uma pessoa em quem eu pudesse mandar à vontade! Não tinha contemplações. E dizer que está aqui dentro... eu sei lá!... Regalos, considerações, o mundo todo! Ai deve ser muito bom ter dinheiro!

CHAMIÇO

Ter assim setecentos ao pé da gente!

GEBO

Eu por mim já estou habituado. Nem me lembro que é dinheiro. Zero, zero... 6.

DOROTEIA

Ouvem? Nove e meia.

GEBO

Já?

CANDIDINHA

Estão a dar na torre.

CHAMIÇO

Então vizinho são horas, adeus.

CANDIDINHA

Também vou, demais a mais não chove, há uma aberta... Tanto dinheiro!

GEBO

Boa noite. Cuidado com os degraus.

Vão saíndo, Sofia entra e alumia-os.

CANDIDINHA

Adeusinho, são dois passos. Obrigada.

CHAMIÇO, *à porta.*

Boa noite.

DOROTEIA, GEBO, SOFIA e JOÃO

DOROTEIA

Lá foram.

GEBO

E agora nós. (*Fecha numa gaveta os livros e a mala*). Hoje sinto-me derreado.

JOÃO

Vai-se deitar?

GEBO

Pudera! Vou já para vale de lençóis. Tu não vens mulher? (*Para Sofia que o acompanha*). Olha se trazes o candieiro. (*Fica uma vela sôbre a mesa. Sofia acompanha o Gebo e alumia-o*).

DOROTEIA e JOÃO

DOROTEIA

Filho.

JOÃO

Anh?

DOROTEIA

Filho, há uma coisa que te queria perguntar. A mim deves dizer-me tudo. Sou tua mãe.

JOÃO, *alheado*.

Anh?

DOROTEIA

Espera. Deixa-me olhar para ti. Se soubesses o que eu tenho passado! (Gesto de enfado de João). Não te zangues. Queria-te pedir... há uma coisa que me não deixa falar, uma coisa que desconheço em ti... Há bocado quási me meteste medo. Custa-me a encontrar a outra fisionomia...

JOÃO

A outra?

DOROTEIA

De quando eras pequeno, Há uma coisa que te pedia que me disseses...

JOÃO

Deixe-me. Deixe-me sòzinho... Agora deixe-me só. Preciso de estar só, habituei-me a estar só. Habituei-me a estar só e há ocasiões em que todos os sêres me parecem monstruosos e diferentes. Tu não entendes isto.

DOROTEIA

Fazes-me aflição!

JOÃO

Ah!... Também a mim, também a mim me custa a encontrar a outra fisionomia, a outra que vi sempre e com quem lidei sempre.

DOROTEIA, *aterrada*

Filho!

JOÃO

Espera aí. Tu gostas de mim... Fala! tu és a minha mãezinha.

DOROTEIA

Filho, eu sinto-o... Não sei, mas sinto-o: tu és desgraçado. Ontem tive um sonho em que te vi magro e rôto numa rua sem fim. Tinhas fome. (*Aproxima-se dêle*). Tinhas fome e olhavas-me. Estendi os braços num grito. Mas não te pude deter, e seguiste na rua que não tinha fim para um destino de dôr.

JOÃO

De dôr? De desespêro...

DOROTEIA

Hás de contar-me a tua vida...

JOÃO, *ri-se*.

A minha vida!...

DOROTEIA

Muitas vezes te supus morto, muitas vezes tive frio quando pensava que terias frio. Diz'-me tudo,

JOÃO

Nos dias de desgraça apareceste-me sempre como quando eu era pequeno e depois...

DOROTEIA

Depois...

JOÃO

Vinha outra vez a noite.

DOROTEIA

Fala, que não me canso de te ouvir. Ficamos aqui toda a noite a falar... Nunca te esqueci.

JOÃO

Eu, também, nunca te esqueci, Mesmo nos dias mais aziagos te via e ouvia. Às vezes falavas-me como do fundo dum sepulcro... Quem estava morto era eu.

DOROTEIA

Tu és desgraçado! tu és desgraçado! Talvez eu saiba mais do que supões. Talvez eu adivinhe...

JOÃO

Sou um sêr diferente, dominado por outra coisa maior... Nem talvez eu mande em mim mesmo... Sou... (*Detém-se*). Vai dormir agora.

DOROTEIA

Espera...

JOÃO

Que te posso eu dizer da minha vida e de mim mesmo que tu entendas?

DOROTEIA

Da desgraça?

JOÃO

De outra coisa peor. Não procures em mim outra figura senão a que conheces A outra a que me impele, a que me leva não para o que eu quero fazer, mas para o que tenho de fazer, a do desespero, não querias vê-la...

DOROTEIA

Magôa-me ouvir-te. Tenho medo de te ouvir e ao mesmo tempo quero que fales. Tu és desgraçado. Essa figura já talvez eu a visse.

JOÃO

Essa figura de sonho?

DOROTEIA

E que é a mais viva. Porque sofre. Porque me apareceu desesperada... Vi outro sêr esfarrapado e doloroso.

JOÃO

Que se ri. Que me faz sofrer e que se ri.

DOROTEIA

Ouve. Talvez eu saiba mais do que supões. Fala comigo.

JOÃO

Agora não, Agora vai-te deitar.

DOROTEIA

Passei anos à espera.

JOÃO

Agora deixa-me. Deixa-me sòzinho... (*Vai-a levando para a porta e abraça-a com uma grande ternura*).

DOROTEIA

Êles não ouvem. Compreendo que não lhes digas nada, mas eu sou tua mãe... Terás tu frio? Pus-te o meu chale na cama.

SOFIA e JOÃO

*Pouca luz. É a vela que arde.
Sofia vai e vem nos últimos arranjos.
Entra no quarto à direita depois sai.*

JOÃO, *sòzinho*.

Isto tira-me a fôrça. Não sei porquê também a noite me aflige... Conheci um velho que, quando

chegava a noite, punha a bôca às grades para respirar com fôrça... (*Indeciso. Dá dois passos. A mesa atrai-o*). Inda os que matam, são os que têm melhor coração...

SOFIA, *à porta do quarto.*

São perto das dez...Não te deitas? (*Reparando nêle*). Tu que tens?

JOÃO

Abre aquela janela, deixa-me respirar.

SOFIA

Tu que tens?!

JOÃO

Com a, noite desce sôbre mim outra vida. Uma fôrça a que não há resistir. Tu já disseste aí – ou foi alguém que o disse – que procuravas em mim outra fisionomia... Há noites em que a sinto transformada e mais profunda. Se tu me visses!... Um sêr tão diferente do que conheces! Outro sêr de quem não sei o nome e que me domina e leva... Por fôrça! por fôrça!

SOFIA

Cala-te!

JOÃO

Que me espanta a mim mesmo. Um sêr vivo, não um homem morto... Se os outros choram eu rio-me. (*Ri-se*).

SOFIA, *olha-o com terrôr.*

Ah!...

JOÃO, *fintando-a demoradamente.*

Agora nos encontramos!...

SOFIA

Desgraçado! Desgraçado!

JOÃO

Desgraçado já ela mo chamou também. Desgraçados sois vós. Tu pensas que a vida é isto? È isto hein? È passar aqui os dias a repetir sempre as mesmas coisas nêste subterrâneo?

SOFIA

E morrer?... e morrer?...

JOÃO

E depois morrer. Vocês vivem como cegos e há outra coisa – há outros vivos. Trabalhar, anh, e ser o Gebo! Ser o Gebo! Antes viver num espanto e depois morrer. Olha como eu tenho as mãos frias...

(Estende as mãos e a claridade da vela ilumina-as).

SOFIA, *num grito abafado e recuando.*

As mãos! as mãos!

JOÃO

Abre a janela toda. Deixa entrar a noite... E agora vai-te embora. Deixa-me sòzinho. Cala-te e vai-te.

SOFIA

Que vais fazer' *(João ri-se)*. Eu grito. Não posso mais e grito!

JOÃO

Melhor! (*De costas voltadas para a mesa e com a navalha atrás das costas vai forçando a fechadura*).

SOFIA

Que estás a fazer?

JOÃO, *baixinho*.

Sou um ladrão, sabes? Sou um ladrão. Queres tu fugir comigo? És tu a mulher que me acompanhe na vida e na desgraça?

SOFIA

Sou tua mulher.

JOÃO

Sou só no mundo mas sei o que tu não sabes. Sei o que é fome, o que é matar e morrer. Tenho noites em que fujo como uma fêra perseguida, e tenho horas em que sinto em mim outra coisa imensa... Posso ver chorar, posso ouvir gritar... Ladrão! ser ladrão!

SOFIA

És a desgraça de nós todos. Queres matá-los a ambos, ao velho e à mãe?

JOÃO

Eu não tenho ninguém, sou só no mundo.

SOFIA

Que estás a fazer?! que estás a fazer?!

JOÃO

Estou a roubar.

SOFIA

João! João!

JOÃO

Mais baixo, fala mais baixo.

SOFIA

Perdê-lo e perdes-nos! O que o velho vai chorar! Não! Não! (*Chama*). Pai.

JOÃO

Cala-te!

SOFIA

Venham! acudam! Mata-me! Não passas!

*João investe com a porta,
atirando com Sofia para o lado.
Brilho da faca. Rolam algumas
moedas.*

SOFIA, GEBO e depois DOROTEIA

GEBO

Filha! A roubar! a roubar o que não é nosso! E se ela ouve! (*Corre à porta que dá para o interior e fecha-a*) A velha vê... Filha a gaveta. (*Arranja à pressa os papeis em cima da mesa. Doroteia fora bate*). Se ela sabe morre! (*Doroteia bate com mais força e ele abre-lhe a porta*).

DOROTEIA

Que barulho é este? Que é isto aqui?

GEBO

Nada. Uma questão que eles tiveram e mais nada. Então tu choras?! Tu choras?! Isto não vale dez reis dou-te a minha palavra de honra. Dou-te a minha palavra de honra! Zangaram-se e mais nada. (*Vai falando sempre cada vez mais baixo*). Destas coisas que acontecem – e mais nada... (*Com voz sumida, quási a chorar.*) E mais nada.

Doroteia sempre à porta, calada e hirta, olha a scena. Depois lentamente tapa os olhos com as mãos.

TERCEIRO ACTO

O mesmo cenário

GEBO e SOFIA

SOFIA, *abrindo a porta.*

Então?

GEBO

Ninguém o viu, ninguém mais o viu. (*Com o guarda-chuva aberto.*) Um guarda-chuva tão bom! Como as coisas se gastam depressa! Dantes não era assim... Perguntei por êle a toda a gente...

(*Mostrando – lhe o guarda-chuva.*) Vês que grande rasgão?

SOFIA

E agora para ir à Companhia com êste inverno?

GEBO

Para ir?... Ah, sim!... Os reportórios dão bom tempo... Já veio mais algum recado do senhor director?

SOFIA

Não.

GEBO

Não tardam a entrar por aí dentro e ou êle ou eu...

SOFIA

Quem?

GEBO

Ninguém. Falo do tempo... Tu verás como isto muda. Temos um inverno muito sêco, verás. Ora

agora... agora... (*Hesitante.*) Ir para a Companhia...
Já lá vão três dias!

SOFIA

Que havemos de fazer?

GEBO

Eu sei... sei lá.

SOFIA

E o dinheiro? o dinheiro?

GEBO

Schiu... (*Apontando para dentro.*) Ela chora?

SOFIA

Chora.

GEBO

Ah, chora... É preciso que não chore. Tenho um
mêdo que o saiba... O seu filho! Não se fartava de
dizer: «Quando o meu filho vier, verão! Acaba-se a
desgraça». (*Noutro tom.*) Acaba-se a desgraça! Toda a

sua vida tem vivido nesta ilusão. Eu por mim não me importo, a gente afaz-se a tudo, mas ela... Chora?

SOFIA

Chora. Mas não é só ela que sofre. Que vai ser de nós todos agora?

GEBO

O principal é que ele o não saiba nunca. Nunca! Era a sua última esperança. Quem havia de desiludi-la? Desiludi-la seria pior do que ir às árvores e arrancar-lhes todas as flôres. Vai, vai que não nos veja juntos, pode desconfiar. (*Sofia dirige-se para a porta.*) Parece que estou molhado... e na cara, na cara também. Há de ser da chuva. (*Sorri.*) Olha agora se me punha também a chorar!... Um guarda – chuva tão bom! Está tudo caríssimo, não sei onde há de ir isto parar... Ela não desconfia, e basta vê-lo para se adivinhar... Um filho!

SOFIA

Talvez ela saiba tudo...

GEBO

Ah! Se soubesse tudo já tinha morrido.

Sofia, *que se detém ao sair*

E basta vê-lo... (*Volta lentamente para ao pé do Gebo que se senta ao pé do Gebo que se senta à mesa e escreve.*)

GEBO

«Levo ao conhecimento de V.S.^a que o dinheiro da cobrança 750\$750 rs., pertencente à Companhia Auxiliar, responsabilidade limitada, foi roubado na noite de ante-ontem nesta minha casa, sendo desconhecido o ladrão. (*Repete espaçando as palavras.*) Sendo – desconhecido – o ladrão.» Ah, meu Deus, que letra que eu tinha de antes!... (*Para Sofia*) Agora com êstes desgostos vês?... (*Continua a escrever.*) «III.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor...» Lá me esquecia a data!

SOFIA, *como quem quiere falar doutra coisa maior que a subjuga.*

Mas se essas pessoas ricas lhe perdoassem?

GEBO

Perdoar o quê? o dinheiro, filha? O dinheiro nunca se perdoa.

SOFIA

Mas pai... Espere... Pai! Mas então o nosso dever é ser pobres, é ser desgraçado toda a vida? É sacrificarmo-nos sempre? Eu não posso! Eu sufoco! O melhor é confessar-lhe. Batemos-lhe ali à porta e gritamos: - O teu filho...

GEBO

Isso nunca! Fala baixinho. Eu também não posso! Cá por dentro só tenho gritos e falo baixo para que ela não ouça, para ninguém me ouvir. Sempre a mesma discussão e tudo escondido... Porque eu disse-lhe: - Não te aflijas. - E ela disse-me: - Se mo tirassem agora que o vi - morria. - Ah, morrias? - Morria. - por minha causa foi a sua casa hipotecada e vendida. Gastou-se a sonhar e o seu sonho é amargo e inútil - por minha causa. E agora...agora hei de dizer-lhe... Eu também não posso, eu também sufoco!

SOFIA

Se a gente faz tudo isto e é inútil... Se a gente vive iludida e não torna mais a viver!

GEBO

Não torna mais?... Mas tu que tens?

SOFIA

Eu desespero. Pois o pai não vê, não reflecte, não compara? Não pergunta a si próprio como eu pergunto: - De que nos tem servido o sacrifício? – Pobres e humilhados... sempre pobres. Olhe bem... veja bem... Mais tarde não é tempo. O que eu sofro quando comparo a nossa vida com outra que entrevejo!

GEBO, *mais baixo.*

Mas escuta... Tu não sabes nada da vida... Que queres tu que eu faça, filha? Eu não posso ser senão isto, e sabe Deus à custa de que sofrimento! Quem me quere na praça depois do que aconteceu?... E... e... (*senta-se*) isto já era uma esmola. Há muito tempo que na Companhia só me tinham por piedade...

SOFIA, *sufocada.*

Uma esmola?!... Uma esmola?!

GEBO, *geme.*

Anh... (*Abana com a cabeça que sim*)

SOFIA, *mais baixo.*

Uma esmola!

GEBO

Peor. Eu quási não vejo para fazer as escritas. Já fazem escárnio de mim...

SOFIA

Escárnio?!

GEBO, *geme.*

Escárnio – anh...

SOFIA

Riem-se de si! riem-se de si!...

GEBO

Espera... Escárnio... não é bem escárnio, não te aflijas. Riem-se às vezes de mim, mas eu não me importo. É um costume. Fui sempre um pobre homem e já não estranho...

SOFIA

E vivemos assim calados há oito anos!... Antes berrar-lhe ali a verdade. Talvez a verdade nos salve.

GEBO

Era matá-la por minhas próprias mãos. Há trinta anos que vivemos das mesmas alegrias e choramos juntos. Há trinta anos que pensamos as mesmas coisas. Antes quero morrer do que dizer-lhe a verdade. O meu dever é outro.

SOFIA

Sempre o dever – para a desgraça. Bem peso a nossa vida para encontrar a razão da nossa desgraça e não a encontro... Veja, olhe um momento para mim e para si, para toda a nossa vida amarga... Foi tudo inútil? (*Suspensos um instante*).

GEBO

Foi tudo inútil?... Tudo o que eu fiz? Espera... Às vezes... Eu também não entendo e doe-me! Inútil?... Mas sinto que todos precisamos de nos sacrificar. Então tu imaginas que eu não tenho também horas de dúvida? Duma tristeza inexplicável, quando ouço uma voz dizer-me baixinho coisas que não quero ouvir. Mas calo-as, mas finjo que as não ouço. É o meu

dever. E teimo: tenho sido sempre um homem honrado, arrastei sempre esta cruz... Tu ouve-la?

SOFIA

Chora.

GEBO

Só chora, anh?... Como tudo isto me doe!... Mais baixinho, aqui ao pé de mim... Olha... Como tu tremes! E então – ouves isto? – nêsses minutos horríveis, digo a mim mesmo aquelas palavras que ela me repete tantas vezes: - A honra tem-te servido de muito! Fizeste a tua desgraça e arrastaste-as contigo à desgraça. – Será assim, filha? Terei eu sido egoísta? Os outros estão ricos e eu estou pobre, por causa dos meus escrúpulos? Se soubesses o que isto me custa! O que isto me tem custado de gritos sem ninguém ouvir! Aqui entre nós nunca o contei a ninguém, nem talvez a mim mesmo. Não chores... Às vezes sinto-me tão pobre e tão triste! Vem-me um negrume, é mais que tristeza, é talvez a morte... Um homem deve ser honrado acima de tudo, o seu dever é ser justo e honrado ou é enriquecer?

SOFIA

Ah! (*Olha-o calada*). Também duvida?...

GEBO

Não! não! não duvido! Mas isto pode mais do que eu.

SOFIA, *num grito abafado*

Nenhum de nós se conhece. Nenhum de nós se conhece! Temos aqui vivido há muitos anos dominados por uma sombra. Eu já não posso mais!...

GEBO

Filha!

SOFIA

Tenho-lhe medo! Tenho-me medo! Antes o não tornasse a vêr! O seu coração pôs-se de pedra. De noite acorda aos gritos e o seu riso gela-me.

GEBO

Oh!

SOFIA

Se o pai o visse como eu o vejo!... Se o ouvisse!...

GEBO

É o teu homem.

SOFIA

Mas há pior! há pior ainda!... Tenho medo doutra coisa, doutro mundo de pesadêlo. À minha roda tateia não sei o quê que me aterra e deslumbra. A uma palavra sua intervejo outra vida. Um rasgão... Uma vida com os vivos e os mortos. Para que destino? para que inferno?

GEBO

Tu deliras filha. É preciso serenidade. Todos temos deveres a cumprir... Eu mesmo não sei, não entendo e quero ver...

SOFIA

É uma coisa que me mete medo e que me atrai. Talvez êle tenha razão, e talvez de quem eu tenha mais medo é de mim própria. Há duas noites que não durmo. Que reflito e comparo... A nossa vida humilde, fazendo todos os dias as mesmas coisas talvez inúteis, é a vida? A resignação é a vida? É a pobreza e a desgraça – ou há outra vida? Quando êle

fala – quando êle ri – quando os outros nos desprezam
– quando o pai é escarnecido...

GEBO

Schiu!...

SOFIA

Quando quero gritar e tenho de tapar a bôca...

GEBO

Então tu achas que êle tem razão e que fez bem
em roubar?

SOFIA

Não, não é isso. Isso é impossível. O que eu acho
é que há talvez outra coisa maior que não conheço
mas que presinto.

GEBO

Outra coisa?... outra coisa maior?

SOFIA

Outra vida, que não é a dêle nem a nossa, outra vida maior, Talvez a verdade.

GEBO

No céu?

SOFIA

Na terra. Temos vivido aqui tantos anos e nenhum de nós se conhece. Durante o tempo que passou, houve um sêr interior que se criou e de que nenhum de nós suspeitava. Um sêr que me mete mêdo e atrai. Espere... eu não posso, eu não sei exprimir o que sinto, mas compreendo que a vida não pode ser assim – não se pode ser pobre e desgraçado, pobre e humilhado. Nêste mundo atroz, nêste mundo onde não há a esperar piedade nem justiça, só os desgraçados é que têm de cumprir o seu dever?

GEBO

Não, filha, isso não! Isso não pode ser verdade!

SOFIA

Nêste mundo onde se grita, ninguém ouve os gritos dos que sofrem? O pai chega até velho de

rastos, com frio, quantas vezes com... oh meu Deus!
Fale! Fale-me!

GEBO

Espera, filha, eu quero vêr, mas não posso!... Eu também não sei, filha... Tu não percebes que também eu posso não vêr? O que dizes... – por, o que não dizes – é a condenação de toda a minha vida. Êsse negrume imenso sinto-o, pesa-me, êsse negrume... Todos temos horas como estas. Às vezes também penso... Também scismo e como isto me dói! Mas não quero pensar! Não se deve pensar senão no dever a cumprir. Então eu hei-de de me arrepender de não ter feito o mal? hei de me arrepender de ter sido pobre e honrado?... Sim, na velhice talvez tenha um sentimento amargo e duvidas que não têm razão de ser. Porque então é o mal que é preciso fazer! O mal! o mal!... (*Absôrto.*) Se fôsse isso... se... Queres então dizer que se eu não fôsse honesto seria menos desgraçado? Não, não é isto, bem sei, filha... O que me dói dizer coisas que não entendo, o que me dói remexer no fundo de mim mesmo! Espera... O mal?... o mal não pode ser! Espera que eu veja... (*Absôrto.*) O mal!...

SOFIA

Vêr! se nós pudéssemos vêr!

GEBO

Espera, então espera... (*Numa concentração dolorosa*). Isso seria a condenação de toda a minha vida... (*Meditando*). Quero dizer... quero dizer então que, seja como fôr, a vida não é um sacrifício, mas um gozo... Para isso cada um deve, primeiro que tudo enriquecer, ainda que calque os outros!... Seja como fôr! seja como fôr! E quem o não fizer é iludido. Deve ser escarnecido... Espera... É justo que os que chegam à velhice pobres... — pobres e velhos!... pobres e velhos!... — sejam espesinhados até pelos que mais nos amam, neste mundo horrível!... Peor: serias tu, para quem eu vivi, que me havias de calcar. Espera...

SOFIA

Não, meu pai, não!

GEBO

Espera, deixa-me ver... Agora quero ver. Um mundo sem justiça. Então todos se levantariam para *me* acusar; então todos têm razão quando *me* chamam o Gebo? A vida!... filha, eu não posso ver!... És tu? Tu?... Oh isso não! Eu preciso *de* alguém que creia em mim, preciso *de* sentir a tua mão na minha mão. O pior horror seria êsse! Seria a morte. Como

isto *me* dói! Tu duvidares *de* mim e do sacrifício da minha vida... quando eu... Então eu próprio duvidaria de mim eu próprio, anh?.. Pelos outros sim! mas por vós! por ti!... Mostrar-me o quê? Mostrar-me que foi iludido? Mostrar-me a mim mesmo, escarnecer-me a mim mesmo, anh? O escárnio! o escárnio! (*Põe-se a rir baixinho*). Quero ver! quero ver! Espera que quero ver e hei de ver!...

SOFIA

Meu pai! Não!

GEBO

Ver! (*fita o vácuo com medo; depois num grito*)
Ver!... (*Um momento a fisionomia endurece-lhe, transformada. É outro. Mete mêdo*) Quero ver!

SOFIA, *num grito de quem vai a tapar-lhe os olhos, grita.*

Não! não! não!

GEBO, *sucumbindo logo, mais baixo.*

Como isto *me* dói! Como *me* dói que dizes, aqui no coração! Não é isso, não é isso... Não é que eu afinal não consiga entender. Tu não tens razão. Está

claro como água: nós viemos a êste mundo para cumprir o nosso dever. Não é isso que me dói. Sôbre isso não pode haver dúvidas, filha! Escuta: Se não tivéssemos de cumprir o nosso dever, êste mundo não era possível... A outra coisa... a outra coisa é que eu não intendo, uma coisa que me magôa como uma pedra aqui dentro... Que me dói tão fundo!... Tenho cumprido sempre o meu dever e não sei se me tem servido para alguma coisa cumpri-lo... Nisso tens razão: riem-se de mim. E há uma voz que me prega que se eu não tivesse cumprido o meu dever, talvez tivesse sido mais feliz. Mas isto não pode ser — e dói-me. Isto não tem razão nenhuma de ser e aflige-me. Sim, há talvez outra coisa como tu dizes, mas é imaginária. Evidentemente a gente tem de se sacrificar e de cumprir o seu dever. Existe uma fôrça superior... Se não fôsse o senhor director que havia de ser da Companhia? Sim, sim, sim... Não pode haver dúvidas a este respeito. A outro respeito talvez...

SOFIA

Fugir... E se nós pudéssemos ao menos fugir? Para muito longe!...

GEBO

Fugir para onde? Ninguém foge à desgraça. À Companhia também não torno. Com que cara

havia de aparecer ao senhor director? — «Ó Gebo, vamos a contas. Ó Gebo, quanto trazes? — Não trago nada senhor director». — Contar o quê? que havia de lhe contar? — «Gebo, apresenta o dinheiro» — diria com toda a razão. Onde hei de ir buscar setecentos e tantos mil reis, quási um conto?

SOFIA

Mais nos valia morrer!

GEBO

Também não se morre assim. E ela? Tenho-lhe mentido sempre, passei a vida nisto: — eu a mentir e ela a sonhar. Não chores, vai para ao pé dela e fala-lhe.

SOFIA

Não saio de ao pé de si.

GEBO

O que é preciso nas grandes ocasiões é cada um saber qual é o seu dever. Aqui é que está a verdade. E depois cumpri-lo sem uma hesitação, ouviste? É a isto que se chama a linha do dever. Eu estou inutilizado. Sou menos que nada. Morrer? Morrer é fácil, o que eu

tenho é obrigação de me sacrificar. Eu cumpri sempre o meu dever na Companhia e na praça. Às vezes o dever é amargo, o dever é duro, mas o homem só se diferencia dos bichos em cumprir o seu dever. Tu ouves?

SOFIA

Eu ouço-o mas não o entendo. Se quiere fugir e abandonar-nos ficamos nas mãos dêle.

GEBO

Agora sou um tropêço, e mais nada. Talvez êle se arrependa e cumpra o seu dever. Vai para ao pé da tua mãe. Eu sei o que hei de fazer. Não scismes mais. O dever não é uma coisa que se pese para saber quanto dá. É a razão da nossa vida. Se não fôsse o dever, não te tinha criado. Eras mais uma bôca a sustentar. Todos no mundo carregam com êste fardo. Suponho que seria uma alegria deitá-lo fora, mas nêsse caso que era a vida? Pregunto-te... Ninguém mais ia à repartição, ninguém fazia senão a sua vontade, ninguém queria saber dos outros. Já vês... (*Pondo o ouvido à escuta.*) Tu ouve-la?

SOFIA

Chora sempre.

GEBO

Só chora! Por minha causa tem chorado tantas lágrimas!... *(Vai escutar à porta.)* Chora... O resto não importa, o que é preciso é entregar-lhe o filho. A culpa foi minha, enganei-a sempre. Dizer-lho, seria matá-la por minhas próprias mãos. Não posso, não posso! Chora?

SOFIA

Chora.

Percebe-se que o Gebo toma uma resolução. Pega na carta de cima da mesa e rasga-a em pedaços.

GEBO

O meu dever é outro. *(Indo para a porta.)* Não chores mulher, está tudo arranjado.

SOFIA

Pai!

GEBO

Está tudo arranjado. (*Escutando.*) Já não chora, ouves?

SOFIA

Mas então como?...

GEBO

Agora deixa-me, vai sossegá-la. (*Leva-a para a porta.*) Vai.

GEBO, só

GEBO, *absôrto.*

Como isto me dói! como isto me dói!... Mas então o que é o dever? É só uma palavra? é só uma palavra e mais nada? Não! não! (*Pausa.*) Vem a polícia e eu... Roubar não! toda a gente no comércio diz: — O Gebo é honrado. — Mas o que eu posso é... (*Escuta.*) Já não chora! já não chora!... O que eu posso é dizer: — Fui eu. — Como isto me dói! (*Pausa.*) Digo: — «Sim, senhor comissário, fui eu. Saibam-no todos, fui eu. Confesso tudo. Tenho lido nos jornais que os ladrões não confessam, mas eu confesso tudo. Trouxe a mala para casa, todas as noites a trazia. Bem sabe que toda

a gente confiava em mim. Já duma vez trouxe dois contos oitocentos e cinquenta mil reis. Eu era honrado, agora já o não sou. Roubei-o, gastei-o. Prenda-me senhor comissário. Fui eu que...». (*Pausa*). Mas então é a mim que me prendem, levam-me para a cadeia. Não as torno a vê-las... Tenho o coração negro como a noite... É urna coisa tão funda que não sei donde vem. É uma voz que começa a falar baixinho e que a gente tem por força de sofrer e de ouvir. Uma coisa que não me pertence e de que me não consigo desfazer. Esta voz não é a minha voz e revolve-me, dói-me... Oh como isto me dói! como isto me dói!... Não, não posso vê-las! não quero vê-las! não te quero ouvir! ... A gente não pode pensar nestas coisas... que doem tão fundo!... Coitada da pobre!... Esqueceu-me de lhe dizer que há o bem e o mal, e a nossa inteligência não se fez senão para discernir o bem do mal... Uma casa de comércio bem ordenada... Se os livros no estão em ordem e a escrituração mal feita, no fim do ano ninguém se entende. Há uma linha de conduta que ninguém deve transgredir. Se me dão uma ordem, eu que faço? Cumpro-a. Tenho-a cumprido sempre. Isto dói, mas se não doesse que mérito havia no sacrificio?... O que eu tenho é medo: Já hoje de manhã quando saí, um polícia se pôs a olhar para mim: — Lá vai o ladrão... — (*Respira mais fundo*). E certo, a gente dá tudo aos filhos. E não tem obrigação de lhes dar a vida? Matá-la, antes matá-la!... Seria melhor matá-la... Oh! (*Escuta*). Passos

outra vez! Vozes na escada! São êles! são êles!
(*Batem à porta*).

GEBO, DOROTEIA, SOFIA, UM
POLÍCIA, CHAMIÇO, GENTE DO POVO

GEBO

Não abram! não abram! Mulher! filha! Esperem!
Estão ali! ali!

SOFIA, *correndo para êle*.

Não!

*Gebo esforça-se por serenar.
Ouve-se a gente fora falar mais alto.
Abrem a porta e entram.*

GENTE DO POVO

É êle! foi êle!...

GEBO, *com simplicidade*.

O ladrão sou eu, fui eu que roubei.

QUARTO ACTO

Três anos depois. Uma sala mais pobre. As mulheres mal vestidas.

SOFIA e CANDIDINHA

Candidinha espera. Aspecto trágico. Chapeu mais velho, chale mais gasto.

SOFIA, *entrando.*

Esperava-me?

CANDIDINHA

Esperava-te ingrata. Trago-te aqui uma pinga.
(Tira a caneca debaixo do chale). Vens da fábrica?

SOFIA

Saí agora. Estou cansada. A desgraça pode mais do que a gente.

CANDIDINHA

Goza a vida filha enquanto é tempo e nada de aflições. Quantos te hão de por aí dizer que és bonita...

SOFIA

Antes morrer!

CANDIDINHA

Morrer! morrer!... (*Mudando de tom*). E o João?

SOFIA

Há dias em que nem o vejo. Quando vem a casa é para levar algum trapo para o prego. Eu trabalho porque é preciso que a velha coma. Se não fôsse ela...

CANDIDINHA

Aí tornas tu... O que sofres já eu sofri ou peor. Nêste mundo só há dor e vaidade... Os homens! os

homens!... E ainda tu tens isto (*apontando-lhe a cara*)
que nada paga.

SOFIA

Isto?

CANDIDINHA

Esta frescura da mocidade. Mas deixa-te ir para
velha e verás! É peor do que trazer uma pedra no
coração sem a poder arrancar. E se a gente se queixa,
riem-se. (*Sofia chora*). Mas não chores, filhinha, que
as lágrimas põem a gente feia. É para o que servem. A
mim já não há desgraça que me arranque uma lágrima.
E o velho não escreve?

SOFIA

Nos primeiros meses ainda escreveu.

CANDIDINHA

E vós íeis vê-lo?

SOFIA

Às vezes, mas êle teimava sempre em não querer. Depois mudaram-no de cadeia e as cartas rarearam. Há muito já que não escreve.

CANDIDINHA

E quando sai filhinha?

SOFIA

Está a acabar a pena. É o que nos vale. Olhe que às vezes penso em me deitar ao rio. Já lá vão três anos e nunca mais tive senão lágrimas. Choro noites a fio quando me deixam chorar.

CANDIDINHA

Também eu na tua idade pensei assim e olha que tenho pena de não ter tido coragem. Acabava-se tudo. Tinha sido melhor. Sabes lá o que passei!... Peor do que tu. Fui como tu espanca da, batida, servida. Na tua idade, flôr, o meu homem pôs-me na rua como quem escorraça um cão e nem uma côdea para a boca... Depois habituei-me à desgraça. Mas olha que tenho pena de não ter morrido. A água fez-me sempre um mêdo...

SOFIA

Para o que a gente nasce!... Só para sofrer.

CANDIDINHA

Só! Quem é pobre é para o que nasce. Depois vem a velhice e ainda é peor. E se a gente pede pão dão-nos escárnio. Eu ainda tenho experiência da vida que é o que me vale... Olha vou-to dizer porque sou tua amiga. (*Mais baixo*). Tenho-lhes ódio, odeio todos êsses ricos que me fazem bem e que me dão de comer. Êles dão-me de jantar mas é por vaidade, para dizerem lá consigo: — «É por caridade, cá temos hoje a Candidinha por esmola.» — Eu abaixo a cabeça e humilho-me, mas se tu soubesses a inveja e o ódio que lhes tenho! A Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastos como a cobra. Um vestido de seda, um chapéu, as suas alegrias, as maiores e as mais pequenas, tudo lhes invejo, tudo!... Às vezes de tanto invejar fico com uma dor aqui. Até me vem a palpitação. E como eu me alegro quando há desgraça numa casa!

SOFIA

Não diga isso!

CANDIDINHA

Digo, digo! Pois quant'ê!... Então tu pensas que posso vêr alguém feliz, eu que nunca tive senão misérias? Eu que nunca comi à minha vontade e que ando vestida de trapos quando nasci para trazer sêdas como as outras? Eu cá ainda que possa não faço bem a ninguém... Com que cara triste entro numa casa onde aconteceu desgraça. Se tu visses!... Mas cá por dentro vou a dizer num repique: — É bem feito! é bem feito! — E a minha vontade era dizê-lo cara a cara. Mas não posso — a Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastro como a cobra. Até fico doente quando as coisas lhes correm bem. Ai minha filha, mas que se há de fazer? A gente precisa da côdea senão rebenta para aí a um canto. Nós que nascemos para a desgraça temos de nos sujeitar, e aos ricos deve-se obediência. São êles que podem tudo e que dispõem de tudo.

SOFIA

Mais nos valia afinal morrer!

CANDIDINHA

Não dizes hoje outra coisa. Pois é claro que valia, filha, mais valia. Mas o peor é a coragem. E depois de velha a gente ainda se apega mais a isto... Nêste mundo há três coisas que só se podem avaliar quando se chega à minha idade: — Os homens, o dinheiro e a morte. Os homens!... Engana o teu,

mente-lhe. Olha que êle faz-te o mesmo... O meu homem! Também eu dizia o mesmo noutros tempos. Hás de ter o pago que eu tive.

SOFIA

Acabou-se! acabou-se!

CANDIDINHA

Fazes bem. E com esta adeus. Tenho de ir ainda a casa das Cardosos, das Fonecas, das Pereiras. Que sejam todas tão desgraçadas como eu fui e que em vez de risos chorem lágrimas de sangue. Adeus, filha, êste mundo é um mundo de enganos. Adeus. E segue os meus conselhos: Quando êle te ameaçar bate-lhe o pé, não te deixes calcar que é peor. (*Reparando em Doroteia que entra*). Ora viva!

As mesmas, DOROTEIA E JOÃO

DOROTEIA

Levantei-me agora.

CANDIDINHA

E como vais?

DOROTEIA

Melhor, melhor.

CANDIDINHA

É o que eu digo sempre: — Não há como a desgraça para curar as doenças do coração. Nem a gente tem tempo para pensar nessas coisas. (*Reparando em João que entra pelo fundo*). Então como vai essa bizzarria?.. Falai no mau...

JOÃO, *para Sofia*.

Eu já te tenho dito que não quero esta mulher cá em casa.

CANDIDINHA

Mulher! Veja lá como fala!

JOÃO, *aponta-lhe a porta e assobia*.

CANDIDINHA

Vou, mas olhe que não vim aqui pedir nada.

JOÃO, *assobia mais alto*.

CANDIDINHA

Eu sou uma pessoa de consideração, recebida em todas as casas, nas Pintos, nas FONSECAS, nas Meireles. Não sou nenhum lagalhé. (*Sai traçando o chale*).

JOÃO

A trouxa?

SOFIA

Está no quarto.

DOROTEIA

Filho!

JOÃO

Deixem-me! (*Sai*).

DOROTEIA

Senta-te ao pé de mim. Queria-te dizer... queria-te dizer, mas não posso...

SOFIA

Que tem? sente-se peor?

DOROTEIA

Não, o que eu queria era... Há muitas noites que não durmo a scismar. Quanto falta ao velho para cumprir a pena?

SOFIA

Pouco tempo.

DOROTEIA, *a sua mão procura a mão de Sofia.*

Queria-te dizer que tu é que és a minha filha. Tudo, agora vejo tudo. Mas o que me custou a matar êste sonho, que me tinha levado tantos anos a criar! Vejo agora o que tu e o velho sacrificaram por mim. O que terá sofrido! Hei de dizer-lhe... nem sei o quê... tudo!

SOFIA

Qualquer dia aparece-nos aí.

DOROTEIA

Êle é também a única esperança que te resta? E outra coisa ainda te quero confessar, outra coisa em

que scismo dia e noite... (*Mais baixo*). Eu suspeitava tudo, eu tinha adivinhado tudo. Tudo... Tu compreendes isto que eu preciso de confessar antes que a vida se me acabe? Eu soube sempre tudo.

SOFIA, *baixo*.

Que êle era ladrão?

DOROTEIA

Sim.

SOFIA

Que foi êle que roubou?

DOROTEIA

Sim.

SOFIA

E pôde?! e deixou?!

DOROTEIA

Suspeitava tudo. E calei-me. A certeza não a queria ter, a verdade não a podia vêr. Precisei sempre a

mentira, não só da mentira que eu construí, mas da mentira dos outros para poder viver. Tinha-o criado. Era o meu filho. Enquanto todos os que me rodeavam não pudessem dizer-me: — É um ladrão — eu podia defender uma sombra, manter de pé uma sombra viva. Nem tudo morre, nem tudo está definitivamente morto, enquanto alguém sofre. Fiz-vos sofrer! fiz-vos sofrer não sei porque impulso não sei porque necessidade de que sofressem comigo...

SOFIA

Sabia e calou-se!

DOROTEIA

Parecia-me que assim não era totalmente desgraçada, parecia-me que assim êle não era totalmente desgraçado. Há mentiras que podem mais do que verdades e a que gente se apega com desespêro. Há mentiras que precisam de gritos e de alguém que as defenda até ao último extremo.

SOFIA

Sabia e calou-se! À custa de tantas lágrimas!
Sabia e pôde calar-se!...

DOROTEIA

Suspeitava tudo. Sabia tudo. Alguma coisa maior me obrigou a calar... Era o meu filho, era também o meu sonho. Era o que eu teci anos atrás de anos sempre calada. Vocês fingiam — eu fingia. Vocês desabafavam, eu sonhava... E assim mantivemos de pé uma vida, que, sem a mentira, não teria razão de existir. (*Choram.*)

As mesmas, o GEBO e depois JOÃO

O Gebo aparece à porta. Vem sinistro, mais gordo, enlameado, com a barba por fazer. Voz rouca, bengalão preso ao pulso por uma correia, uma trouxa que pousa no chão ao pé de si.

GEBO

Então temos música no prédio? (*Silêncio de espanto.*)

SOFIA

Pai! meu pai!

DOROTEIA

Meu homem!

GEBO

Sou eu... sou eu, é verdade... Que querem? Sch... sch... (*Gesto que as detém.*) Sou eu. Que estavam vocês a fazer? (*Silêncio.*) Que estão vocês a olhar para mim espantadas? Sou eu... (*Senta-se.*) Não há por aí nada que se beba?

SOFIA

Pai!

GEBO

Ah, sim, sim!... É que na cadeia a gente aprende. O que eu aprendi na cadeia! Foi como se me abrissem os olhos. Na *choça* sabe-se tudo. Lá é que destapam os *lúzios* à gente.

Doroteia e Sofia olham-no com terror.

DOROTEIA

Queria pedir-te perdão.

GEBO

Deixemo-nos de lérias! Não me importo de estar na cadeia...

SOFIA, aproxima-se de Doroteia.

GEBO

Lá aprende-se tudo, o que é na vida e o que vale a vida. A princípio custou-me... à minha volta e – peor! peor! – cá dentro, numa escuridão cerrada, só ouvia gritos e apupos: - Ó Gebo! ó Gebo tu roubaste! – Todos se riam de mim. Se contava a minha vida, o pão pelos outros, o sacrifício pelos outros, respondiam-me com risos de escárneo: Ó Gebo! ó Gebo! – Mas peor! foi peor! ... O que eu sofri para compreender a mim e aos outros, o que eu sofri com desespêro e com gritos. – Ó Gebo! ó Gebo! ... - E cada vez mais negro, cada vez maior a escuridão à minha volta. O que eu sofri para ver!... A luz – não esta luz que nos alumia – mas outra luz, não a tornei a ver, nem encontrei a que deitar as mãos. Eram homens como eu nunca vi homens, e vozes, como eu nunca ouvi vozes, cá dentro! aqui dentro a pregar, a açular, cada vez mais alto e cada vez mais fundo. Ah, o que eu sofri! ... Desespero e à minha volta os que roubam e os que matam... Uns vivos, outros mortos. Ah, essas noites não as dou por nada dêste mundo, as noites em que a luz se foi fazendo cada vez mais clara. Eu

sacrificara-me, para que os outros se rissem de mim. Para que... Esperem! esperem!... Houve então uma hora em que eu mesmo me ri de mim, tão alto! tão alto! que todos os ladrões se calaram... (*Respira fundo.*) Uma hora em que entendi tudo e todas as vozes dentro em mim se sumiram com mêdo á minha própria voz. (*Mudando de tom.*) A gente só se não arrepende do mal que faz nêste mundo.

João, *que ao entrar estaca um momento à porta e ouve as últimas palavras de Gebo.*

Só.

GEBO

Ah, és tu? és tu, anh? (*Ri-se.*)

JOÃO, *ri-se.*

Sou eu, velho. (*Encaram-se um momento.*)

GEBO

Velho é o diabo! Chama-se o *Lesma* se queres como os ladrões me chamavam. Eu sou um ladrão. Sim, no princípio lembravam-me as mulheres e doía-

me o coração de saudade. Mas depois o que eu me ri! Toda a gente se ri de quem é Gebo. Agora rio-me eu, rio-me do que sofri. E quando um dia cem ladrões clamaram virados para mim: - Ó Gebo! ó Gebo! – eu gritei-lhes: - Haja aí quem me chame o Gebo que eu o estrafeço. – Eu tinha bôca e nunca tinha gritado, fôrça e nunca tinha feito sofrer! (*Mudando de tom.*) Então não há por aí nada que se beba?

JOÃO

Vamos beber lá fora.

O Gebo deita-lhe a mão ao ombro e fala-lhe ao ouvido. Voltam costas e vão saíndo muito juntos.

SOFIA, *num grito.*

Foi tudo inútil! foi tudo inútil!

João e gebo saem enquanto a sduas se abraçam soluçando.

O REI IMAGINÁRIO

MONÓLOGO

O REI IMAGINÁRIO

No Calabouço do Governo Civil. Ao subir o pano atiram para dentro o Teles e fecham logo a porta. O Teles é um homem de sobrecasaca no fio e botas cambadas.

TELES, batendo com desespero à porta.

Abram a porta! Sou eu, o Teles! Canalhas! canalhas!... (*Sucumbido.*) Ao que eu cheguei!... Um magistrado! um antigo magistrado no calabouço! Ah!... ah!... Que trambulhão! (*Respira fundo. Pausa.*) Eu sou o Teles. Toda a gente me conhece. Algumas porcarias, o jôgo... uma vergonha maior, e atiraram comigo para fóra do quadro. Mas fui juiz, deviam ter por mim alguma consideração. Sou de uma família ilustre. De miséria em miséria acabei, é claro, por pedir à porta dos cafés e nas casas de jôgo aos meus

antigos condiscípulos. Outros começaram por aí e estão cheios de consideração, apesar de terem praticado toda a casta de infâmias. As infâmias não fazem ao caso. Saber-se também não faz ao caso. A questão é de maneiras... Há-os que por uma ninharia se degradam para sempre. Sorte. O que o mundo não perdoa é a falta de habilidade. E quando então se cai, cai-se de vez. Até os amigos têm pena da gente e dão-nos esmola. Esmola, anh?... Com que satisfação um deles me disse há dias: - Pega lá dez tostões, não quero que passes fome. Quando tiveres fome vem ter comigo que te dou uma placa. – Tinha-me odiado sempre. E eu aceitei! e eu aguento-me! eu vivo!... Sustento-me de ódio, de ódio inútil bem sei. Ponho-me a scismar na ruína dêste, daquele, de todos... Tenho-os nas mãos e desgraço-os. Maquino crueldades e imagino que tenho génio. Melhor! melhor!... A minha imaginação é ridícula, mas ampara-me. Se não fôsse ela já tinha estoirado para aí a um canto... É com êste sonho grotesco que levo a vida, é sonhando que tenho suportado a desgraça. Vingo-me assim e julgo-me feliz. (*Mais baixo.*) Sonho que sou rei... Caio de degradação em degradação e sonho sempre, sonho mais. De juiz passei a ladrão, de magistrado a ladrão – a sonhar. (*Mais alto.*) Aceitei primeiro dinheiro das partes. Fui surpreendido e vi morrer minha mulher de desgosto. Não! não! isto ainda é o menos... Vi-a morrer e suportei essa dôr sonhando. Fui riscado do quadro e expulso. Habítuei-

me à vergonha de pedir. Peor, habituei-me a ser repellido. Vi os outros considerados e ricos, e vi-me a mim desprezado e pobre. Como pude suportar a vida? Sonhando, sonhando sempre... Tinha duas filhas, e uma vi-a morrer tísica. A minha filha!... Uma filha, anh?... E sonhei, entranhei-me mais no sonho... Não, nunca bebi, não bebo senão água por causa do fígado... Mas vê-la morrer! ouvi-la dizer-me: - Pai, tire de aí dessa gaveta a roupinha que está apartada para me vestirem com ela. Pai, essa saia que foi cosida pelas mãos de minha mãe... Sabe o que me custa? É deixá-lo só, porque o pai precisa de mim. Eu bem sei que só eu no mundo lhe sorria, só eu choro consigo e isto há de fazer-lhe falta. – E eu suportei tudo! eu meti-a por minhas próprias mãos no caixão de aluguer! Eu pude com tudo, porque quando o coração se me parte; quando todas as fibras estalam; quando roubei e fui parar à enxovia; quando – peor! peor! – aquele meu amigo que odiei sempre, me deu esmola – sonhava que era rei, e rei absoluto... Escusam de se rir, estou no meu juízo perfeito. Palavra que não bebo senão água. Tenho esta faculdade de sonhar acordado, de sonhar sempre que quero. Acho que todos a têm, mas eu cultivo-a. Sou rei. (*Mais baixo em confidência.*) E rei absoluto. É extraordinário o que a cada um conserva até à velhice, até aos cabelos brancos de sonhos, de mamá! mamá! de infantilidades, quási sempre escondidas, para que os outros se não riam e a gente se não ria de si

própria! (*Mais alto.*) Êste sonho sonho-o desde pequeno quando me batiam. Êste sonho fui-o acrescentando pela vida fora sempre que as coisas me corriam tortas. E é o que me vale porque na minha vida há peor, muito peor... Mais desgraça. Tinha outra filha e perdi-a. Acho que fui eu que a perdi, embebido no sonho. Que canalha! que canalha que eu sou! E de que profunda abjecção não é capaz o homem! Outro dia... A minha filha era uma flôr e anda por aí com dezoito anos, por essas ruas. Tenho-a encontrado e já me deu esmola... Já me deu esmola a minha filha! Noutro dia, ao pé do Tavares, ia com uns estúrdios, chegou-se a mim e meteu-me uma moeda nas mãos. Oh meu Deus!... Desgraça acarreta desgraça. É cada vez mais desesperado. Fico em braza. Às vezes dão-me encontrões mas não vejo, não ouço, vou absorto, com o meu pão e o meu sustento. Quanto mais degradado mais sonho. Canalha sim, bem sei que sou canalha – mas sonho. O homem que desce é capaz de tudo... (*Sorri.*) Agora é que eu devia ser juiz, porque aprendi e sei que atrás de cada sêr há outro sêr e de cada homem que conhecemos outro homem ignorado, agora que não passo do Teles... Outra coisa me persegue agora para àlém da papelada dos autos, outra coisa em que não tinha pensado, porque o juiz julga segundo o código e a lei, e eu julgaria segundo outro fantasma que está a meu lado, segundo outro homem que tenho encontrado em mim e nos outros. Tudo corre bem quando se vai pela vida

fora metido entre duas paredes e sem se olhar para o lado. É o que há de melhor. Mas só quem sai de caminho trilhado é que sabe do que é capaz... É estranho o que se passa na alma em certos momentos. Estranho e horrível. Uma coisa imunda começa a falar, a prègar, a obrigar-nos a fazer aquilo a que não nos supúnhamos destinados... Julgar? mas julgar o quê?... O homem que tu és? ou o homem que está por trás de ti? Julgar-te! julgar uma alma! Uma alma!... Foi talvez por isso que Aquele que sabemos disse um dia: - Não julgarás! – Não, não é só piedade por todo o sêr humano, por todos os desgraçados, é outra coisa que tem sobressaltado as minhas noites, outra coisa maior., mais negra e mais profunda... Que distância há entre o homem correcto, o homem e o homem? entre o homem correcto, o homem de todos os dias e o homem capaz de praticar um crime?... que mixórdia! e que canalha eu sou quando deparo com o fundo de mim mesmo!... Mas não me julguem infeliz. Não sou infeliz. Devo confessar que depois que sou desgraçado é que me sinto mais feliz. Encontrei-me. não tenham pena de mim. Sou o Teles que toda a gente conhece – e sou rei... E êstes canalhas prenderem-me aqui por uma bagatela! não terem por um antigo magistrado uma certa consideração! (*Bate outra vez à porta.*) Abram a porta! abram a porta! Há horas em que tudo isto me parece muito negro e muito doloroso. Há hora em que me encho de desespero e de vômito, e chego a ter vontade de morrer. As minhas

filhas! o meu nome! a minha carreira! Mas hei de vingar-me, hei de vingar-me deles todos! Hei de esmagá-los! Sou rei absoluto (*Faz gestos. Começa a absorver-se no sonho.*) à minha presença! venham à minha presença!... Tu não, tu!... Tu mesmo!... Agora é que elas se pagam... (*E prossegue absorto no devaneio.*) Eu sou rei, vês? Compreendes o que eu sou? Sou rei, meu amigo, e rei absoluto. Sim, sim... absoluto! (*E fica a scismar fazendo gestos e falando em sonho*): - Anh? Olá! – (*Enquanto o pano desce.*)

O DOIDO E A MORTE

FARÇA EM UM ACTO

PERSONAGENS:

O SNR. MILHÕES.
O GOVERNADOR CIVIL.
D. ANA BALTAZAR MOSCOSO.
NUNES, policia.

Policias, enfermeiros, etc.

O DOIDO E A MORTE

No gabinete do governador civil. Ampla secretaria e em frente um mesa mais pequena.

GOVERNADOR CIVIL E NUNES

GOVERNADOR CIVIL, *escreve sentado à secretária.*

«Acto III, scena quinta – Chegou o momento cheio de horrôr em que sinto o solo fugir-me debaixo dos pés.» (*Pousando a pena.*) Estou hoje inspirado. Tudo me sorri, a manhã, o céu, a musa. (*Toca a campainha.*) Ó Nunes.

Entra o Nunes e quando o Nunes abre a porta vêem-se alguns polícias sentados num banco de pinho, lendo jornais.

NUNES

Senhor governador civil.

GOVERNADOR CIVIL

Se vier por aí alguém, não estou para ninguém.

NUNES

Sim, senhor.

GOVERNADOR CIVIL

Seja quem fôr.

NUNES

Sim, senhor.

GOVERNADOR CIVIL

Para ninguém. (*Nunes sai.*) Aproveitemos estas felizes disposições. (*Escreve.*) «Ela: - Sabes? sabes enfim o que te não ousou confessar?...» Agora precisava aqui duma frase de efeito. (*Procura nos livros que tem em cima da mesa.*) Aqui há de haver porque aqui há de tudo... (*Escreve.*) «Êle: - É o momento... é o momento mais trágico da minha

vida.» (*Passando a mão pela cabeça.*) Estou a comover-me muito. Isto até me pode fazer mal.

NUNES, *abrindo a porta.*

Está aqui...

GOVERNADOR CIVIL

Caramba! Não estou para ninguém. Isto é demais Nunes! Castigo-o com três dias de vencimento.

NUNES

É o snr. Milhões com uma carta do presidente do ministério.

GOVERNADOR CIVIL

O snr. Milhões? que entre... que vida esta! que país êste! Exactamente no momento psicológico, no momento em que me remontava. Nunes

Ai do Lusíada coitado...

Isto não é um país, é uma selva onde os homens de génio têm de ser ao mesmo tempo governadores civis. (*Lendo o bilhete.*) O snr. Milhões. Dize-lhe que entre, dize-lhe depressa que entre. (*Abre a carta.*) É o

próprio ministro que recomenda o homem mais rico de Portugal.

Nunes introduz o snr. Milhões e uma caixa que é colocada no chão entre as duas mesas com muitas precauções. – Aqui. Cuidado... Estábem... Pode retirar-se. – O snr. Milhões é um homem importante e severo, de grandes suíças cuidadas e lunetas de aro de ouro. Sobrecasaca.

GOVERNADOR CIVIL E O SNR. MILHÕES

GOVERNADOR CIVIL

V. Ex.^a tenha a bondade de se sentar. Há que tempos que tenho a honra de o conhecer de vista e de nome. Então?...

Mas o senhor Milhões embeserrado não diz palavra. Com a maior indiferença dispõe a caixa e faz a ligação de um fio eléctrico para a campainha da mesa que está em frente da secretária do governador civil. O

*outro segue-lhe os movimentos
com uma curiosidade crescente.*

SNR. MILHÕES, *aproximando-se dêle,
confidencialmente.*

O senhor sabe o que está aqui dentro?

GOVERNADOR CIVIL

O que é?

SNR. MILHÕES

A morte!

GOVERNADOR CIVIL

Pelo que vejo o negócio é grave?

SNR. MILHÕES

Muito grave. Vim de propósito de automóvel para não dar nas vistas. V. Ex.^a já leu a carta do presidente do ministério? Há muito tempo que o admiro.

GOVERNADOR CIVIL, *lisongeadamente.*

E eu! e eu! Tenho por V. Ex.^a a maior consideração. (*Levanta-se e ao passar entre as mesas dá um pontapé na caixa.*)

SNR: MILHÕES

Cuidado que podemos ir todos pelos ares.

GOVERNADOR CIVIL, *dando um salto.*

Anh!?

SNR. MILHÕES

Repito, o negócio que me traz aqui é muito grave. (*Senta-se cerimoniosamente e o governador civil vai postar-se na sua secretária.*)

GOVERNADOR CIVIL

Estou no exercício das minhas funções.

SNR. MILHÕES

O maior crime de todas as épocas, a suprema tragédia de todos os tempos! Vamos estoirar dentro de vinte minutos. (*O governador civil muda de expressão à medida que o outro fala.*) O que o senhor vê aqui nesta caixa, é o mais formidável de todos os

explosivos SO₃ – HO₄, cem vezes mais poderoso que o dinamite, o algodão pólvora, e o fulminato de mercúrio. Basta carregar nesta campainha, para irmos todos pelos ares, eu, o senhor, o prédio, o bairro, a capital. SO₃ – HO₄. O pèróxido...

GOVERNADOR CIVIL

Quê ? quê? que pèróxido!?

SNR. MILHÕES

O pèróxido de azote.

GOVERNADOR CIVIL, *mastigando*.

Isso é sério?

SNR. MILHÕES

Muito sério.

GOVERNADOR CIVIL

Ó Nunes!

SNR. MILHÕES

Pode vir o Nunes e todos os regimentos da capital... Quando eu tocar nesta campainha arraso tudo. O peróxido de azoto é a maior invenção deste século. Basta carregar aqui com o dedo... (*Êle, de lá, faz-lhe um gesto de súplica, sem poder falar, para o outro retirar o dedo.*) Mas nós ainda não nos explicamos. (*Tirando o relógio.*) Temos tempo.

GOVERNADOR CIVIL

Temos muito tempo. Ó Nunes!

SNR. MILHÕES

Chame quem o senhor quisér. Chame lá o Nunes por uma vez. É-me indiferente. (*O governador civil levanta-se e vai a sair precipitadamente.*) O que me não é indiferente é que o senhor saia daqui. Ah, isso não! Ao senhor escolhi-o para morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL

Muito obrigado!

SNR. MILHÕES

E se dá um passo para fora daquela porta, faço saltar tudo.

GOVERNADOR CIVIL

Mau! O senhor não se ponha com brincadeiras. Eu sou um governador civil, uma autoridade constituída, e o senhor lembre-se que tem mulher e filhos. É um homem de ordem, é um homem rico... O senhor... Então eu estou aqui sossegado, no cumprimento do meu dever, a escrever uma peça, nunca lhe fiz mal nenhum, tenho por V. Ex.^a a maior consideração... V. Ex.^a está incomodado? quer tomar alguma coisa' (*e sempre mais alto.*) Ó Nunes!

SNR. MILHÕES

Acabe lá com isso!

GOVERNADOR CIVIL

Então se V. Ex.^a me dá licença, é para lhe pedir um copo de água.

SNR. MILHÕES

Chame quem quisér. A questão é entre mim, V. Ex.^a e o pèróxido de azote. Trr... trr... Se V. Ex.^a sair de aqui... trr.

GOVERNADOR CIVIL

Ó Nunes! (*O Nunes entra.*) Ó Nunes, êle está doido e a caixa é de dinamite – uma caixa daquele tamanho! (*O Nunes arregala os olhos.*) Quando eu dissér disfarçadamente: - «Não ouve tocar lá em cima?» - vocês todos cáem à uma sobre êle e seguram-no bem seguro. Ouviste? (*O Nunes diz que sim com a cabeça sem poder falar. O senhor Milhões tem seguido atentamente a scêna, de ouvido à escuta e confiando as barbas respeitáveis.*)

SNR. MILHÕES

Sente-se senhor, não faça figuras tristes. O senhor está a tratar-me com menos consideração e a desconhecer a importância do meu papel no universo. (*Exaltando-se.*) Eu sou imperador, sou rei, sou Deus! Posso à vontade aniquilar o universo, ou fazer uma grande hecatombe. (*Exaltando-se cada vez mais.*) Tudo depende de mim. Eu! eu! eu! (*Bate punhadas na mesa*) Em que se distinguem os heróis e os imperadores da canalha sem nome? Pelo número de homens que podem aniquilar sem responsabilidade nenhuma. Trr... trr!... E mato-me e mato-o!

GOVERNADOR CIVIL

Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

SNR. MILHÕES

Destruo uma cidade ! SO3 – HO4 – fórmula única. Destruo talvez um povo.

GOVERNADOR CIVIL, *mais baixo.*

Mas o senhor Milhões ainda não se explicou.

SNR. MILHÕES, *serenando imediatamente.*

É verdade, ainda não me expliquei. Peço desculpa. (*E sempre respeitável, sempre com imponência.*) Aqui há tempos, faz exactamente um mês, quando passeava à tarde sob as árvores do meu quintal, senti de repente que se me abriam os segundos olhos.

GOVERNADOR CIVIL

Os?!!

SNR. MILHÕES

Os da alma.

GOVERNADOR CIVIL, *sucumbido.*

Ai meu Deus que estou perdido!

SNR. MILHÕES

E vi de repente o mundo não como todos o vêem,
mas como êle é na realidade.

GOVERNADOR CIVIL

A cabeça estoira-me!

SNR. MILHÕES

E à medida que os segundos olhos se me fôram
abrindo, mais funda se me radicou a vontade de
destruir tudo isto. O pèróxido de azote...

GOVERNADOR CIVIL

S O3. – H O4. O senhor é tôlo! o senhor pode
ainda ser muito feliz! o senhor pode recuperar o uso
das suas faculdades. Olhe que o senhor arrepende-se.
Pelo amôr de Deus deixêmo-nos de tolices! Ouça,
ouça... O senhor não ouve tocar lá em cima?
(*Berrando.*) O senhor não ouve tocar lá em cima?

SNR. MILHÕES, *com fleugma.*

Grite mais alto se lhe parece! O senhor está a dar um espectáculo abjecto. Escusava de fazer essa triste figura... Safaram-se. Eu percebi tudo. Poseram-se logo ao frêsko. Pode vêr. (*O governador civil abre a porta. os polícias fugiram, o banco está deserto.*) Sente-se, não podemos perder tempo. Sente-se e ouça. Ninguém o arranca das minhas mãos. Há quem diga que estou doido. Diga-me com franqueza, conhece-se que eu esteja doido?

GOVERNADOR CIVIL

Ora essa, V. Ex.^a está no uso completo da razão, eu é que me sinto endoidecer.

SNR. MILHÕES

Antes de mais nada é preciso que me compreenda bem. Eu sou eu, sou um amigo da humanidade. A um gesto meu desaparece a desgraça da face da terra, acabam os crimes, as misérias e as paixões. Fazendo saltar o glôbo suprimo para sempre os gritos e todas as injustiças. Suprimo a morte.

GOVERNADOR CIVIL

Perdão, snr. Milhões. É preciso que atenda a várias circunstâncias pessoais. Eu não estou preparado para morrer. Não se morre assim sem mais nem

menos. Morrer! morrer!... Então o senhor pensa que isto de morrer é uma coisa sem importância nenhuma? Morrer é uma coisa muito séria, é um acto que importa certa preparação, testamento, cólicas, etc. é só chegar aqui, morrer e mais nada! Que tal está o da rabéca! Morrer! Eu não quero morrer nem pensei nunca a sério que tivesse de morrer. Tenho ido a enterros, mas é aos dos outros... Então o senhor entra-me pela porta dentro, e sem mais nem ontem, de repente, fala-me assim de morrer como se eu fôsse um condenado á morte, nas escadas da fôrca? Adeus meu amigo! Além disso é um crime. Previno-o de que é um crime, punido por todos os códigos, atentar contra a vida duma autoridade constituída, demais a mais no exercício das suas funções. Artigo 343 do Código Penal. Vamos, vamos... Isso é um momento de desvario e mais nada. Espero que as minhas palavras o façam reconsiderar. (*O outro ergue-se implacável e aproxima a mão da campainha.*) Ai que êle está doido varrido! (*Exaltando-se.*) Senhor! (*Avança para o agarrar, mas o outro põe o dedo em cima do botão e êle afasta-se logo.*)

SNR. MILHÕES

Faça favor de estar quieto. Eu admito-o. Quando se representou aquela peça – *O Destino* – disse logo comigo: - que talento!

GOVERNADOR CIVIL, *desvanecido*

Muito obrigado. O que vale neste mundo são as almas irmãs.

SNR. MILHÕES

Só êle é capaz de me compreender, só êle é digno de morrer comigo.

GOVERNADOR CIVIL

Mau! mau! mau!

SNR. MILHÕES

Na sua peça há cenas verdadeiramente shakespearianas – são as que não estão lá. Porque é necessário que o senhor saiba: os livros, as peças, a arte enfim só vale pelo que nos sugere. O que lá está em regra não presta para nada; o que cada um de nós constrói sobre a linha, a côr, e o som, é que é verdadeiramente superior. Por isso lhe perdoei todas as banalidades que tem escrito, e passei a admirá-lo. Polverizando-o comigo e com o globo, realizo o pensamento dos mais altos filósofos. (*O outro julgando-o entretido vai para fugir.*) Fugir para onde? Não seja estúpido. Melhor é entrar comigo sem

desvarios na categoria dos deuses. Elevo-o à categoria dos deuses.

GOVERNADOR CIVIL

Ó meu Deus! ó senhor!...

SNR. MILHÕES

Trr, trr, e sou adorado, sou magnífico, sou único.
(*Faz menção de tocar.*)

GOVERNADOR CIVIL

Perdão! perdão! perdão! Ao menos outra morte! estoirado não! Dê-me outra morte, uma morte onde o meu cadáver se possa sepultar com decência e em que haja possibilidade de me fazerem um entêrro digno dum governador civil.

SNR. MILHÕES

Seu pulverizado, pertencer ao cosmos, viajar nas nuvens, que melhor quer o senhor? que mais quer o senhor?

GOVERNADOR CIVIL

Fugir.

SNR. MILHÕES

Não há nada que o salve.

GOVERNADOR CIVIL

Por cima moram minha mulher e meus filhos. Creio que não quiere também assassiná-los. Julgo que a sua loucura não exigirá o sacrifício dessas inocentes vítimas. Posso chamar a minha mulher para fazer as últimas disposições?

SNR. MILHÕES

Pode, com tanto que não saia daqui e que se não demore muito. (*Vê a hora no relógio.*)

GOVERNADOR CIVIL

E eu que estive esta manhã para meter o revólver no bôlso! E não acreditem em pressentimentos! Nunca mais saio de casa sem trazer o revólver. (*Pelo telefone.*) Aninhas... Ah, estás lá? estou aqui com um dói... Não com o snr. Milhões... Êsse, sim... Peço-te o favor de desceres... Não posso... Não me deixa sair daqui.

SNR. MILHÕES

Diga-lhe que venha depressa.

GOVERNADOR CIVIL

Não te demores, Aninhas... Sim, sim.

SNR. MILHÕES

Vem?

GOVERNADOR CIVIL

Vem já. (*Ela entra.*)

Os mesmos e D. ANA BALTAZAR
MOSCOSO

GOVERNADOR CIVIL, *fala-lhe apressadamente ao
ouvido com exclamações.*

Ele! êle!...

ANINHAS

Anh?!

GOVERNADOR CIVIL

Sim, Aninhas, eu Baltazar Moscôso estou nas mãos dêste infame. Se dou um passo daqui para fora, trr! pulveriza-me! É dinamite, é pèróxido, aquela grande caixa... O que há de pior, arrasa prédios e bairros.

ANINHAS

Espera aí que eu já venho! (*Faz menção de sair.*)

GOVERNADOR CIVIL

Salva-me ou morre comigo

ANINHAS

E os nossos filhos? Não sejas egoísta, nunca passaste dum reles egoísta. Eu disse-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL

Ó Aninhas, mas tu disseste que quando eu morresse, morrias logo também.

ANINHAS

Disse e digo. Estou pronta a cumprir o meu dever. Sou duma família que se preza de cumprir os seus deveres. Mas nunca te disse, que morria, como as mulheres da Índia, numa pira. Queimada não! A minha religião é católica, apostólica, romana! Saiba morrer quem viver não soube. (*Para o snr. Milhões.*) Quanto falta?

SNR. MILHÕES, *com uma grande dignidade*

O senhor é inconsciente, faça favor de me apresentar a sua esposa.

GOVERNADOR CIVIL

Minha mulher, a snr.^a D. Ana de Baltazar Moscôso – o snr. Milhões.

ANINHAS

Muito gôsto em o conhecer. (*Anda de roda da caixa com precauções para lhe apertar a mão.*) Quanto falta?

SNR. MILHÕES

Quinze minutos e quatro segundos exactos, minha senhora.

ANINHAS

Então retiro-me porque não há tempo a perder.
Um automóvel e pronto! (*Vai a sair.*)

GOVERNADOR CIVIL

Ó Aninhas, despede-te ao menos de mim. Ó Aninhas, olha que eu quero uma lápide monumental. Dize aos meus amigos... (*Baixo.*) Não tens aí o revólver?... Dize-lhes que quero o meu nome em letras doiradas e esta frase gravada na minha sepultura: «Aqui jaz um homem de génio que não teve tempo de se revelar.»

SNR. MILHÕES

Tantas pieguices!

GOVERNADOR CIVIL

Homem, o senhor nem ao menos me deixa fazer as minhas disposições testamentárias. O senhor abusa! Aninhas, faze-me ao menos um entêrro muito bonito.

ANINHAS

Quanto falta?

SNR. MILHÕES

Um quarto de hora.

ANINHAS

É o tempo absolutamente indispensável. (*Vai a sair apressadamente.*)

GOVERNADOR CIVIL

Dize-me ao menos adeus, Aninhas. Adeus!

ANINHAS

Adeus! Morrer queimada não! (*À porta com quem lhe atira pásadas de terra.*) Morre em paz! Descansa em paz! Jaz em paz!

MILHÕES E GOVERNADOR CIVIL

SNR. MILHÕES

Aí tem o senhor o que são as mulheres, a sua e as dos outros.

GOVERNADOR CIVIL

Não me tire as últimas ilusões. (*Puxa dum lenço para chorar.*) Se ao menos lhe pudesse acertar com um banco pela cabeça. (*Algumas lágrimas.*)

SNR. MILHÕES

Vamos! Vamos! Isto a bem dizer não é a morte, é a pulverização. Não sente nada, verá.

GOVERNADOR CIVIL, *dirigindo-se à janela.*

Toda a cidade deserta... Um silêncio de túmulo. Fugiu tudo ao peróxido de azoto... Que morte a minha, e ninguém senão eu para a poder contar! Posso dizer bem alto que não há drama no mundo que se compare com êste. (*Seguindo outra ideia.*) E veja o senhor essa mulher que me disse sempre, que quando eu morresse morria comigo!...

SNR. MILHÕES

Essas coisas dizem-se mas nunca se fazem. Se o senhor fôsse um homem inteligente compreendia-o logo. Mas não é. (*Gesto do outro.*) Não é. Demais a mais essa mulher que o senhor lamenta não é a mulher ideal que lhe convém. É uma felicidade para o senhor ver-se livre dela.

GOVERNADOR CIVIL

Ela é que se vê livre de mim.

SNR. MILHÕES

É uma mulher que o engana.

GOVERNADOR CIVIL

Oh!

SNR. MILHÕES

Enganou-o sempre.

GOVERNADOR CIVIL

Senhor!

SNR. MILHÕES

É o que lhe digo. O senhor tem cara de ser enganado por todas as mulheres. É uma coisa que se vê.

GOVERNADOR CIVIL

Basta!

SNR. MILHÕES

Livro-o dela, livro-o de complicações, livro-o do dever que é tudo o que há de mais estúpido no mundo e o senhor ainda se queixa.

GOVERNADOR CIVIL

Você é doido.

SNR. MILHÕES

Doido! doido!... Já é com esta a terceira vez que mo chama. Saiba então que um homem que não tem ao menos uma parcela de loucura não presta para nada. Aqui estou eu, que, enquanto tive o meu juízo todo, nunca fui feliz. (*O Governador Civil julgando-o descuidado vai-se aproximando da porta.*) Passar por doido tem muitas vantagens. Direi mesmo que é a única situação vantajosa que há neste país. O doido diz quanto lhe passa pela cabeça. (*E continuando a falar imperturbável faz-lhe sinal que volte para trás e aproxima o dedo da campainha.*) Ninguém estranha. O doido pode andar de chinelos de ourelo pelo Chiado. Ninguém repara. Quem tem juízo vive constrangido e está sujeito a mil complicações. Vá, sente-se.

GOVERNADOR CIVIL

Obedeço, obedeço.

SNR. MILHÕES

Há efectivamente quem diga que estou doido, mas nunca a minha lucidez foi maior. O senhor acredita que eu esteja doido? (*O outro de lá acena à pressa que não.*) De resto o que é loucura e o que é o juízo? Simples pontos de vista e mais nada. O doido pode seguir à vontade o seu sonho, sem que ninguém se meta com êle. Tem quem lhe dê de comer, de vestir e calçar nos manicómios.

GOVERNADOR CIVIL

Muito filosófico.

SNR. MILHÕES

Não diga mal dos doidos. Todos os homens que fizeram alguma coisa no mundo eram doidos. Devemos-lhes a vida artificial. Na realidade devemos-lhes tudo. Se não fôsem êles ainda hoje seríamos bichos. De antes eu próprio que era? Um masurrão. Agora o meu espírito leve como uma pluma, paira acima da estupidez humana. (O Snr. Milhões distraído vai tocar no botão da campainha. O outro faz-lhe de lá apressadamente pst! pst! para retirar o dedo.) Ah, é

verdade, ainda faltam alguns minutos. (E segue o discurso.) De antes ocupava os meus nobres ócios a lêr os clássicos. A leitura dos clássicos que fastidiosa tarefa! Queimei-os todos no páteo. Detesto os clássicos. E o senhor?

GOVERNADOR CIVIL, *apressadamente.*

Também eu, também eu!

SNR. MILHÕES

De antes tinha horror aos palavrões, agora até me sabe, de quando, em quando uma obscenidade. (*E aproximando o dedo da campainha.*) Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL

Espere, senhor! Por mais que queira não me posso resignar.

SNR. MILHÕES

É falta de hábito, é como quem arranca um dente sem dôr. Depois que alívio, verá.

GOVERNADOR CIVIL

Espera co'os diabos! Morrer agora, meu Deus!
Morrer! Morrer na flôr da idade! Morrer quando a
pátria esperava de mim as minhas melhores obras!
Espera, morrer não é brincadeira nenhuma, não é uma
coisa que se faça assim de pé p'rá mão.

SNR. MILHÕES

Não posso esperar mais tempo. Temos de morrer.

GOVERNADOR CIVIL

Não quero! não quero!

SNR MILHÕES

A vida é estúpida.

GOVERNADOR CIVIL

Não me importo! Quero viver!

SNR. MILHÕES

Soou a hora. Uns minutos e...

GOVERNADOR CIVIL, *furioso*.

Mas tu quem és afinal, ó supremo canalha, que assim decides eliminar-me, quando eu me agarro com desprezo á vida?

SNR. MILHÕES, *de pé, ativo e transfigurado.*

Eu sou o doido! Eu sou a morte!

GOVERNADOR CIVIL

Anh?!

SNR. MILHÕES

Estou farto! Estou farto de me vestir todos os dias, de cumprimentar todos os dias, de dizer todos os dias que sim! Estou farto de sorrir e de fazer as mesmas coisas inúteis, que não condizem com a minha situação respeitável no universo. Eu não quero ser bicho; com a fortuna de que disponho é êste talento que deus me deu, não posso ser bicho – e tenho que confessar a mim mesmo que sou bicho. Eu e o macaco do Jardim, Zoológico! Oh não! oh não!

GOVERNADOR CIVIL

Eu endoideço! eu endoideço!

SNR. MILHÕES

Vou suprimir a vida, porque a vida mete-me mêdo, ouviste? Porque me mete mêdo. Fui sempre ridículo, mas nem sempre me senti ridículo. A vida foi sempre atroz, mas nem sempre a senti atroz. Quando dei pelo que ela tem de reles e de grotesco, de trágico e de grotesco, veio-me um vômito de tristeza. Vi-te e vi-me. Vi que a minha caridade era grotesca, que os meus deveres eram grotescos, com os dividendos a receber, os coupons a cortar, um cofre do tamanho desta sala e um guarda-portão eminente a distribuir seis vinténs à pobreza. Considerei-me abjecto. Abjectos e grotescos os laços de família, à espera do testamento e da cólica, e os mil e quinhentos que eu dava por mês à obra dos órfãos mutilados. Peor, peor... Olhei para mim, olhei para dentro de mim mesmo e ao mesmo tempo encarei com a Vida. Com esta coisa prodigiosa que é a Vida, feita para a desgraça, para a dor, para o sonho – e que dura um minuto, um só minuto – e encontrei-me sórdido com as minhas inscrições a receber e as minhas décimas a pagar. Oh, um instante para deter isto, caótico e doirado! Um instante para sofrer, para lavar a terra, para ser enfim o homem! eu já não podia arrancar-me ao meu palácio com um guarda-portão fardado de ministro, nem fazer outra coisa senão abrir a bôca com sôno deante do cofre das inscrições de assentamento. De assentamento, repara bem. No mundo caótico onde se grita e se sonha, há inscrições

de assentamento! Tu compreendes isto? tu explicas isto?... Vi então o infinito lá em cima e vi-me a mim cá em baixo. Mais um passo e senti que acabava a vida a fazer paciências.

GOVERNADOR CIVIL

Mas que tenho eu com isso?

SNR. MILHÕES

Vias morrer, e vais morrer porque com as tuas fórmulas, a tua papelada e o teu burlêsko, és também abjecto e inútil. O cavadôr existe! O soldado existe! O herói existe! Tu não existes!

GOVERNADOR CIVIL

Eu não existo?!

SNR. MILHÕES

És uma sombra e bff... (*sopra-lhe e o outro estremece*) faço-te desaparecer como uma sombra. Tenho de suprimir a ninharia da vida. Estas duas coisas não podem mais coabitar – esta estupidez e êste sonho dorido e imenso, o grotêsko de todos os dias, quando do outro lado galopa e passa uma coisa sôfrega e imensa. Tu não te podes chamar Baltazar

Moscôso, e ao mesmo tempo existir o céu estrelado.
Venham todos os fantasmas!

GOVERNADOR CIVIL

Acudam! acudam! acudam!

SNR. MILHÕES

Não posso viver com isto, frenético e doirado, e regular a existência como o maquinismo de um relógio; não posso às mesmas horas – eu nisso sou como um pêndulo – fazer certa coisa imunda num buraco de secção elítica, quando o mundo está cheio de gritos e o meu pensamento se eleva às mais altas elocubrações filosóficas. Pff! pff!... Não, não posso com êste esplendôr e esta abjecção, êste ridículo e êste desespero – e vamos morrer! vamos enfim morrer! (*vai carregar no botão.*)

GOVERNADOR CIVIL

Alto! alto! alto!

SNR. MILHÕES

Soou a hora.

GOVERNADOR CIVIL

Morrer! Mo... Mas eu não estou doente! Nem a cabeça me dói... Então eu hei de ser governador civil e morrer?! Então eu hei de ter talento e morrer?!

SNR. MILHÕES

É a hora de morrer.

GOVERNADOR CIVIL

O senhor é cruel. Não me dispute os últimos momentos.

SNR. MILHÕES

O que eu sou é seu amigo. Tenho estado aqui a prepará-lo para a grande hora da libertação. Há mais alguma coisa que lhe possa fazer? Vai agora?

GOVERNADOR CIVIL

O senhor é peor que um inquisidor. Não me tire os últimos segundos, os segundos dum condenando à morte. Aposto que está a gosar com a minha agonia. Em troca da vida dou-lhe tudo que quisér, a minha influência, o meu dinheiro, as minhas peças, a glória.

SNR. MILHÕES

Recuso, sou intransigente nos meus princípios.

GOVERNADOR CIVIL

Esperem. Dê-me um confessor. Um confessor não se recusa a quem está de oratório.

SNR. MILHÕES

O senhor nunca foi católico.

GOVERNADOR CIVIL

É que nunca me vi nêstes assados.

SNR. MILHÕES

Tem de seu, previno-o, dez segundos.

GOVERNADOR CIVIL

E não haver um Vitor Hugo para fixar esta tormenta num crânio!

SNR. MILHÕES

Tem de seu nove segundos e meio.

GOVERNADOR CIVIL

Acabe lá com isso! (*Vendo-o aproximar o dedo do botão.*) Não! não! acabe lá mas é com essa cegueira do relógio.

SNR. MILHÕES

Faltam apenas...

Governador Civil, *passando a mão pela testa com infinita tristeza.*

Nêstes últimos momentos de existência, sinto a mente a transbordar de génio. Quantas páginas imortais perdidas, por causa dêste malandro!

SNR. MILHÕES

Cinco segundos...

GOVERNADOR CIVIL

Já que me nega um confessor, ouça-me ao menos de confissão. Ouça os meu pecados. Confesso que menti... que menti sempre que pude. Toda a minha vida foi uma mentira pegada. Espere! Ó meu Deus! Espere! espere! Que é que eu vou sentir na situação de cadáver?

SNR. MILHÕES

Um segundo

GOVERNADOR CIVIL

Maldito sejas tu por toda a eternidade. Tenho medo! tenho medo! Espere! é um pecado morrer com desespero. Dói-me a barriga... Peço licença para ir lá fora fazer o que tenho a fazer.

SNR. MILHÕES, *implacável*.

Faça no outro mundo.

GOVERNADOR CIVIL

Espere ao menos a minha contrição. Oh morrer!... Oh morrer nas mãos dum doido e estourado ainda por cima! Morrer! morrer! Perdão! perdão! Padre Nosso que estais no céu...

SNR. MILHÕES

É agora!

GOVERNADOR CIVIL

Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! aqui d'el-rei!

Os mesmos e DOIS ENFERMEIROS

Ouve-se barulho fôra. O Snr. Milhões faz retenir a campainha. O governador civil cai na cadeira com gestos desordenados. Entram dois enfermeiros de casaco branco de resguarde.

GOVERNADOR CIVIL, *esgaseado, apontando a caixa.*

O peróxido! o peróxido!

Um Enfermeiro, *destapando a caixa e tirando para fóra algodão.*

É algodão em rama...

Agarram o Snr. Milhões que os afasta, saindo depois de pôr e tirar o chapéu lustroso e de cumprimentar ceremoniosamente.

SNR. MILHÕES

Tragam a caixa

GOVERNADOR CIVIL, *com os cabelos em pé.*

Ai o grande filho da puta!

FIM

ÍNDICE

	Págs.
O Gebo e a Sombra	11
O Rei Imaginário 119119
O Doido e a Morte 127127